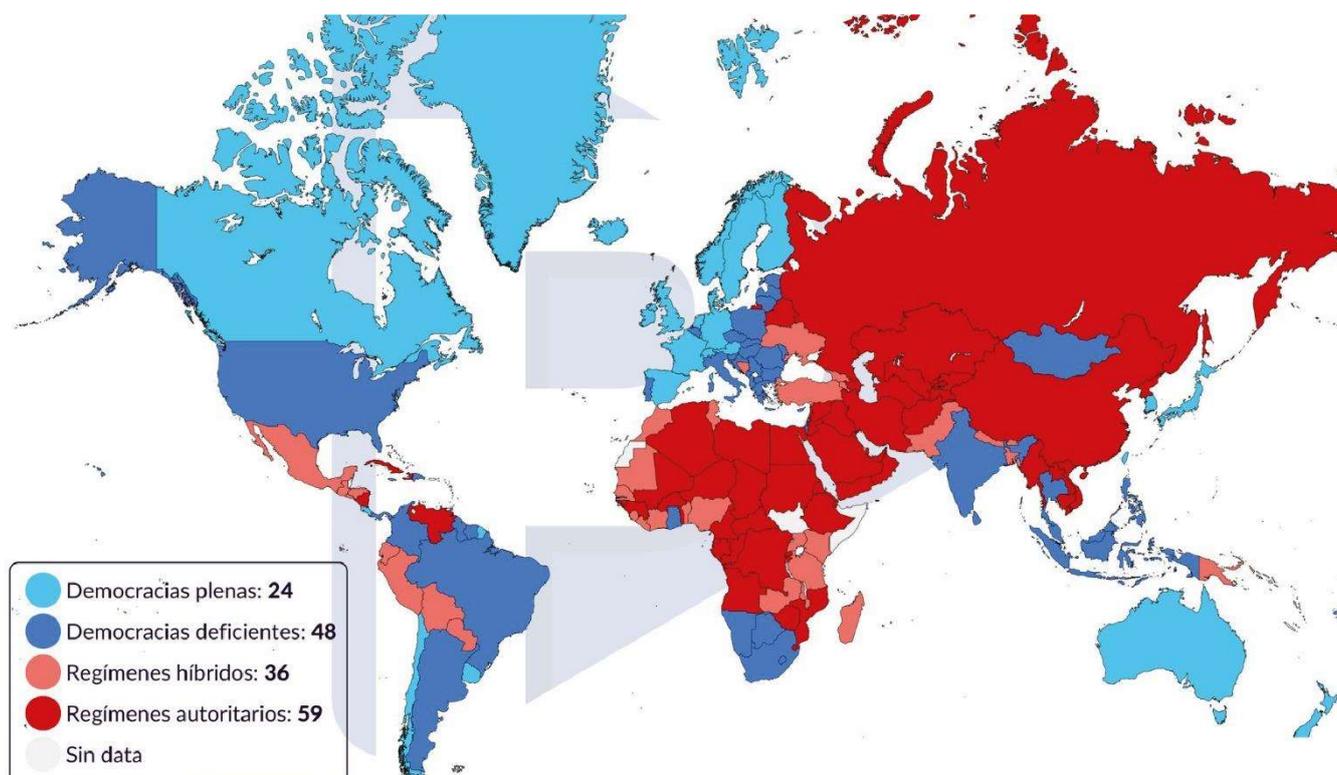


Um retrato da humanidade

A democracia global em declínio



Fonte: Economist Intelligence Unit, 2023.

África Minha- Da contracção às esperanças

Mais...

JMJ - O PROTAGONISMO DOS JOVENS E DO PAPA FRANCISCO – A fé, a alegria, a multiculturalidade.

O projecto Baká para pigmeus africanos - A continuação do nosso compromisso – em carteiras. (Lassalistas portugueses já doaram 600 euros = 16 carteiras).

Lassalistas empreendedores da economia social e empresarial.

O Douro: o rio, o território, o vinho.

O compromisso com a Mãe -Terra.

NOTA DE ABERTURA

José Carlos Ferreira - Presidente.



Tanto mar naquele rio...

Os sonhos, maiores que a utopia, eram mais que as ondas fortes de todos os oceanos, eram velas resistindo ao vento... eram partida, chegada, caminhada, encontro, dádiva, gratidão, silêncio, ... oração.

Agora que o encantamento amainou é tempo de assimilar, processar e transformar todo aquele manancial de energia e amor partilhado em vida, ação, compromisso e entrega.

Não temos de andar muito pois mesmo ao lado há missão a cumprir. Estejamos sempre atentos e saberemos separar o supérfluo daquilo que realmente vale a pena, que nos enche, que nos faz descobrir o outro e nos torna diferentes - atores de uma sociedade mais justa e mais solidária.

E assim, sem darmos conta, o tempo continua imperturbável e sereno, indiferente às vicissitudes da vida, sejam elas os conflitos mundiais, as alterações climáticas, as cimeiras ou as JMJ.

Também o Boletim número 15 cá está para nos continuar a mostrar um pouco do “ser lassalista” e recordar: “Entramos para aprender e saímos para servir”.

Nele o Carlos Borrego fala-nos de um mundo cada vez mais preocupante pelo que “urge derrotar o esquecimento e a indiferença”; o António Costa mostra-nos o Encontro dos Antigos Alunos das Oficinas de São José no Porto, onde “a emoção domina e o tempo recua”; O José Barata traz-nos Abrantes e o Encontro onde muitos foram lembrados e “Todos eles pisaram connosco o mesmo chão deste Colégio”, diz; do Encontro de Barcelos temos a crónica apresentada pelo David Macedo.

O Professor Valentim Ribeiro de Almeida dá-nos uma magnífica lição sobre o néctar dos deuses com

que o Douro Vinhateiro nos brinda, enquanto o Albino Ramalho nos dá a conhecer o empresário, autarca e homem solidário que é o Arnaldo Barros das Oficinas de São José do Porto e o Luís Gonçalves, aluno do Colégio de São Caetano em Braga, que acredita “se sou alguém é muito devido a Irmãos, Educadores e colegas”.

Do David Macedo e/ou David Gilmar também temos uma excelente narrativa que nos permite espreitar as “essências” das suas vidas.

Outros contributos foram recebidos que nos mostrarão como foram vividas as Jornadas Mundiais da Juventude e nos darão informações e notícias pertinentes.

Aos que contribuíram para que este Boletim vos possa chegar o meu agradecimento e reconhecimento pela dedicação e empenho demonstrado.

A todos, um bem haja e um fraterno abraço lassalista!

Pagamento de Quotas:

Agradecemos aos associados a liquidação da quota anual de 12 euros para : NIB: PT50: 0018 2122 0338 0447 0209 5.. Observações: 1ª-Só com email a informar da transferência bancária se poderá remeter recibo e agradecimentos. Email: «geral@aaalasalle.org.pt». Agradecimentos.

Como apoiar o Projecto Baká:

(povo pigmeu dos Centros La Salle)

NIB: PT50: 0018 2122 0338 0447 0209 5.

Observações: 1ª-Só com email a informar da transferência bancária se poderá remeter recibo e agradecimentos. Email: «geral@aaalasalle.org.pt».

Como apoiar a ONG lassalista SOPRO em terras de Moçambique por transferência bancária: NIB: PT50 0036 0096 9910 0095 1894 5

A DEMOCRACIA EM PARALELO COM O DESENVOLVIMENTO

Por Carlos Borrego

- De como os baixos índices de democracia acompanham os baixos índices de desenvolvimento- E vice-versa.

- A democracia global em declínio.

- África Minha – Do Sahel à África subsariana.



Não podemos ignorar:

Porque a minha pátria maior é a humanidade

Porque urge derrotar o esquecimento e indiferença

I- UM RETRATO DA HUMANIDADE -

A democracia entrou em declínio na América latina e na África; e estagnou em todos os outros lugares.

A fundação Economist Intelligence divulgou a seguinte mensagem: “ A democracia global piorou em 2019. O índice de democraticidade registou a sua pior pontuação global desde 2006, mostrando grandes diminuições na América Latina e na África subsariana e estagnação em todos os outros lugares. A recessão foi sentida em todos os parâmetros do índice: nos processos eleitorais e pluralismo, , no funcionamento dos governos nacionais, na cultura e liberdades cívicas. O único indicador a permanecer positivo ocorreu na categoria de participação política em actos eleitorais.

Este Índice de Democracia apresenta quatro escalões: Democracias Plenas (16 países), Democracias Imperfeitas (52 países), Regimes Híbridos (35 países) e Regimes Autoritários (87 países).

É evidente o paralelismo e correlação entre este Índice de Democracia e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) apresentado pelo Programa de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (PNUD) e patente no ranking dos países.

Este IDH avalia o grau de progressos da humanidade ao longo dos anos e permite uma visão ampla das desigualdades regionais , proporcionando aos governos a procura de estratégias desenvolvimentistas.

As variáveis deste índice são as seguintes: Saúde: é medida pelos anos de esperança de vida dos cidadãos do país. (exemplo: Noruega tem uma esperança de vida de 82,4 anos, enquanto a enquanto as populações do Níger poderão esperar viver apenas 62,4 anos). Educação: Leva em conta a média de escolaridade alcançada por cada país (exemplo: Enquanto na Irlanda a média é de 12,9 anos, na República Centro Africana é a penas de 2,1anos). Economia: é definida pelo Rendimento Anual Bruto per capita (exemplo: Na Irlanda esse rendimento per capita é de 68.371 dólares, mas no Chade é de 398 dólares).

Neste índice do PNUD os países estão distribuídos em 4 escalões: Muito Alto (superior à cifra de 0,80. Alto: entre 0,70 e 0,80. Médio: entre 0,55 e 0,70. Baixo: inferior a 0,55).

Atribuindo as mesmas cores nos escalões 1, 2,3 e 4 dos dois índices e colocando-as nos países dos mapas-múndi verificamos uma forte incidência de cores nas mesmas regiões e nos meses países e nos dois índices. E se a cor vermelha for escolhida para os quartos escalões de cada um desses índices, verificaremos que o Sahel e a África subsariana ficam muito vermelhos na foto.

Curiosamente os 10 países designados emergentes (na sua economia) trilharam caminhos para a democracia.

II-O SAHEL – Violência, pobreza, terrorismo

- Os seus territórios parecem o palco de uma surda Nova Guerra Fria, agora com três rivais: 1.A Rússia (e o grupo Wagner como sua extensão); 2.A França e os seus aliados; 3. O islamismo radical.

-O golpe militar de Julho passado no Níger, é já o 7º nesta região nos últimos 3 anos.

“O Sahel Estende-se da costa oeste do continente africano (Senegal e Mauritânia) até à costa leste (Corno de África (Sudão, Eritreia e Etiópia). É uma zona transitória , semi-árida, entre o Sara e as savanas do sul, e age como um cinturão que divide o continente em dois: a África maioritariamente islâmica, ao norte. E a cristã e animista, a sul.” – Escreve o Observatório de Crises Internacionais.

É constituída por uma dúzia de países (número não consensual) e é povoada por centenas de etnias, com inúmeras línguas e dialetos. A implantação das populações tem carácter nómada ou semi-sedentária, a par da fixação urbana.

A organização política dos Estados é frágil, proporcionando insurgências e guerras intestinas, flagelos terroristas da Jihad Islâmica ou de mercenários. E os líderes políticos são incapazes de minorar os fenómenos do aquecimento global e das secas. Destes caldos desumanos resta às populações o desalojamento e a fuga.

Pelos seus territórios passam as rotas transarianas de cariz comercial tradicional e,

actualmente, de trânsito de armamento, drogas e migrações para as bordas do Mediterrâneo a caminho da Europa.

Os problemas são ancestrais e endógenos e exógenos. A famosa conferência de Berlim de 1898/85 concebeu um mapa de colónias e de futuros países de África de modo arbitrário, conforme os interesses e a força negocial ou militar das potências europeias.

Anote-se que todos os países da região do Sahel estão em conflitos internos e todos contribuem para bolsa de deslocados internos, de refugiados e de migrantes).

Como sempre, as mulheres e as crianças são as maiores vítimas. E a violência de género é extrema.

Notícias breves da ACNUR (Agência das Nações Unidas para os Refugiados) sobre a região do Sahel:

2,5 milhões de pessoas foram desalojadas de suas casas na última década.

Só no ano de 2021 houve 800 ataques violentos e quase 500 mil deslocados.

As mulheres e as crianças são as maiores vítimas. E a violência de género é extrema.

8.300 escolas de Burkina Faso, do Mali e do Níger, foram saqueadas ou queimadas ou abandonadas (Notícia da Revista Além-Mar, de Maio deste ano de 2023).

Vejam outras situações actuais dos países do Sahel

Sudão: os confrontos entre dois generais desavindos. A mediação da ONU levou-os a um acordo. Foi sol de pouca dura. Nem mesmo os três mil mortos e os 3 milhões de refugiados demoveram os beligerantes. Os missionários combonianos tiveram a mesma sorte dos outros refugiados. Eles que deram mártires, dedicação e o primeiro Bispo de Cartum, S. Comboni, não vão desistir, e regressarão (pela 2ª ou pela 3ª vez). Os Irmãos de La Salle também estão no país, com as suas escolas.

Burkina Faso (antigo Alto Volta): “Terra do Povo Íntegro”. No século XV os portugueses chegaram a um rio muito sinuoso e com muitas voltas. Passaram a chamar a esse rio e às suas

margens “ as terras do Volta”. Nesta última década, com o derrube sucessivo dos seus Presidentes, as insurreições são permanentes. E a Al-Qaeda e o Dahesh proclamaram a guerra santa. Novamente o desalojamento e a fuga migratória são o resultado previsível e inacabado. O balanço actual aponta para 10 mil mortos e 2 milhões de deslocados.

Republica Centro- Africana (RCA)

Desde 2013 a RCA tem permanecido caos completo, por desentendimentos entre Presidentes da República e de grupos armados insurgentes.

As forças militares de diversos países, por determinação do Conselho de Segurança da ONU, têm vindo a intervir para garantir a segurança e estabilização do país, constituindo a “MINUSCA” Missão Multidimensional integrada da ONU para a estabilização da RCA. Portugal integra essa Força de Reacção Rápida com mais de 150 militares e respectivo equipamento logístico e militar.

Mali - Tropas francesas assumem a segurança e estabilização do país, nomeadamente junto da fronteira com o Níger, considerada reduto de islamitas. Há ainda 10 mil homens da Legião Estrangeira, cuja intervenção suscita dúvidas, por se considera um paralelismo com o estatuto de mercenários. O conflito maliano foi o que gerou grande parte de refugiados na última década.

Níger – No dia 26 do mês de Julho passado. Um golpe militar derruba o presidente eleito, Mohamed Bazoum. Alguns analistas sustentam tratar-se de uma guerra surda, onde a Rússia pode estar envolvida.

III- África Subsariana - Breves apontamentos

“Tirem a mãos da R D C. Tirem as mãos de África. Chega de sufocar a África”- exclamação do Papa Francisco na sua viagem à R D C em Janeiro passado.

Do conjunto dos países destes territórios, 7 situam-se no 2º escalão do Índice de Democracia, que são designadas como democracias imperfeitas, e que são :

4 pequenos países (Maurícias, Cabo Verde, Botswana e Lesotho) e 3 países de maior dimensão (África do Sul, Namíbia e Ghana). 13 países estão catalogados no 3º escalão, o dos regimes híbridos. 24 países estão escalonados no último escalão, dos regimes autoritários. Constituem 54%. (total de países: 44).

Irmãos lassalistas dos Camarões promovem projectos de Educação e Desenvolvimento a favor de Pigmeus Baká na Bacia do Gongo: Com 13 Centros de La Salle ao longo de 250 kms albergam 24 professores e 720 alunos. Os Antigos Alunos La Salle de Portugal já ofereceram já 550 euros para compra de 14 carteiras escolares. Mas há necessidade de mais. Aguarda-se a continuação da generosidade dos AA.

(Ver artigo específico nas páginas seguintes).

Vejamos apenas alguns casos:

Moçambique: O conflito de Cabo Delgado Já causou milhares de mortos e 800 mil deslocados. É uma guerra sem rosto. Mas as riquezas de gás, grafite rubis e ouro fazem adivinhar ataques de islamitas e bandos recrutados localmente (perante a miséria, qualquer pecúlio é tentador).

Angola: A seca do sul angolano e a falta de resposta adequada do poder instalado provoca milhares de migrantes para a vizinha Namíbia.

República Democrática do Congo. – Congo, Rio de Sangue.

Grupos armados no leste, nas regiões de Kasai e do Katanga e mesmo nas principais cidades como Kinshasa e Lomumbashi desencorajam qualquer estabilidade. As agências de viagem desaconselham qualquer viagem. As declarações de estádio de sítio acontecem, mas sem grandes efeitos práticos.

As riquezas são enormes . Grandes empresas exploram-nas, com forças paramilitares próprias e com mercenários.

A RDC ocupa o último Lugar no Ranking Índice da Democracia e situa-se no 4º lugar a contar do fim n uma lista de 178 países.

Para alta tecnologia, brutal exploração infantil, na exploração de cobalto.

A Microsoft, a Tesla, a Apple e a Google são citadas numa acção judicial promovida pela International Rights Advocates dos EUA, por suspeita de que os seus produtos possam ter relação directa ou indirecta com a exploração mineira de cobalto (indispensável para baterias) com recurso a trabalho infantil, na R. D. do Congo. A Unicef calcula que o número seja de 40 mil. Mais tarde o governo da RDC declarou que vai tomar medidas. (Confere Boletim nº 11, disponível no site "aaalasalle.org").

Ideias gerais:

-A asfixiante Dívida Pública (financeira e política).

Nos anos da Guerra Fria a União Soviética e países satélites ou alinhados (China e Cuba), aproveitando a inevitável e justa aspiração à independências das colónias africanas, apoiaram os respectivos países nessas ambições: ou militarmente (com armamento e, por vezes, com forças militares) ou financeiramente e politicamente (em todos os fóruns mundiais e na ONU) e ideologicamente (na educação/reeducação nas universidades de Moscovo) . Depois das independências procederam a investimentos avultados quer nas infraestruturas quer na exploração das riquezas naturais . Daí resulta a enorme e dupla dívida pública, e a subjugação actual de alguns países por via desses investimentos político/financeiros, confirmada com uma titubeação/tolerância/engajamento em teses e estratégias dúbias.

Por sua vez, outros investimentos de multinacionais de países do bloco ocidental completaram o puzzle das dependências e das dívidas públicas.

E o sufoco é evidente.

- **A Fome:** Na África Ocidental a fome atinge já 48 milhões de pessoas, devido a conflitos (Notícia da Revista Além-Mar, Maio /2023).

- **Nem todos os líderes africanos são tiranos.** Muitos deles confessam teses democráticas. Mas a autoridade do Estado é incipiente. E os apoios internacionais são

escassos. As estruturas administrativas são frágeis. As divisões são avassaladoras.

E haverá “Estados Falhados” no entendimento de observadores internacionais. E a corrupção e a cleptocracia estão demasiado soltas em alguns territórios.

-**O sentimento de pertença a uma nação, ou a uma pátria ou a um Estado** ainda não está consolidado na maior parte dos países do Sahel e da África subsariana. Daí resulta uma autoridade pública pouco eficaz

Mas a evidência de algum progresso democrático e desenvolvimentista de alguns países africanos e dos líderes mais esclarecidos serão uma força de atracção para novos trilhos e esperanças.

IV- AS GRANDES ESPERANÇAS

-A ONU, com as suas múltiplas intervenções humanitárias ou até militares.

-A União Africana, actualmente presidida pelo Presidente de Comores, Azali Assoumani. Na sua Carta estatutária, no artigo 4 : “ Os 55 Estados-Membros comprometem-se a promover a democracia, o princípio de Estado de Direito assim como os direitos Humanos).

- A CEDEAO –(Comunidade de Estados da África Ocidental)- É uma organização de integridade regional que engloba 15 países da África Ocidental e cujos principais objectivos são a integração económica, o comércio regional e a cooperação política.

- As figuras míticas e exemplares: Nelson Mandela, Desmond Tutu, Leopoldo Senghor, (com as suas propostas sobre “negritude” e miscigenação ou mestiçagem).

- As figuras actuais de prestígio, como Joaquim Chissano, ou os actuais Presidentes do Senegal, de Moçambique, da África do Sul, de Comores, da Nigéria,(Bola Ahmed Tinubu, Presidente da CEDEAO) e até da R D do Congo, de entre outros.

- As intervenções de Bispos e Pastores das Igrejas africanas, na denúncia, na educação, nos apoios sociais

- As Congregações religiosas: Irmãos lassalistas, os missionários combonianos, os

Padres Brancos, os Missionários da Boa Nova, os Espiritanos, os claretianos, os salesianos.

- Breve resumo da presença dos irmãos de La Salle em África-

A Região Lassalista de África-RELAF. Os Irmãos estão presentes em 20 países: África do Sul, Benim, Burkina Faso, Camarões, Chade, Congo Kinshasa, Egipto, Etiópia, Eritreia, Guiné Conacri, Guiné equatorial, Quênia, Madagáscar, Moçambique, Níger, Nigéria, Ruanda, Sudão, Sudão do Sul e Togo. A incidência maior da actuação dos Irmãos situa-se na formação básica e secundária. Mas não descuram a base de futuros dirigentes. Fundaram e dirigem cinco Universidades de Ciência, Tecnologia-Humanismo. (Obs:Um artigo mais desenvolvido pode ser consultado no nosso Boletim Nº 9, disponível no site "aalasalle.org").)

A obra Lassalista da Beira é formada por 4 obras principais: Escola João XXIII, Colégio La Salle, Centro Educativo e de Assistência Social La Salle e Postulantado La Salle. Aos Irmãos brasileiros juntam-se já mais 10 Irmãos moçambicanos. E a demanda vocacional excede as capacidades de instalações e a disponibilidade de pessoal formador. (Confere Boletim Nº 13,AAA la Salle)



O Irmão David, á direita.

Aumento das vocações religiosas

A revista comboniana Além-Mar de Maio passado fala-nos do florescimento de vocações missionárias africanas, com incidência nos institutos missionários. Haverá mais de 1300 missionários de origem africana e mais 1300 seminaristas.

- A educação, como construtora de identidades (pessoal e colectiva) e como elevador social, deveria ser considerada a estratégia maior. Mas este caminho tarda a ser implantado.

A revista comboniana Além-Mar de Maio passado fala-nos do florescimento de vocações missionárias africanas, com incidência nos institutos missionários. Haverá mais de 1300 missionários de origem africana e mais 1300 seminaristas.

O Irmão David Cachazo, da comunidade lassalista portuguesa, missionário em África, na Costa de Marfim.

Tinha sido Director do Colégio de S. Caetano de Braga, onde empreendeu a maior reabilitação dos edifícios e uma reforma estrutural do estabelecimento. Dedicava ainda hoje a sua vida aos queridos alunos do S. Caetano de Braga. Exemplar. Bem-haja, Ir. David.

Escreveu no nosso Boletim Nº 8: "AKUABA, na Costa do Marfim, um Centro Lassalista fora do normal...Os Irmãos, desejosos de viver o seu carisma na esfera educativa ao serviço dos pobres, criaram uma nova comunidade, o Centro La Salle... O Centro parece um oásis no meio de uma zona degradada e mal cuidada..."

PROJECTO BAKÁ.

Carteiras escolares para projecto lassalista a favor de pigmeus africanos

Por António Oliveira, da Direcção da AAALaSALLE de Portugal.

Renovamos a nossa a proposta de participação a favor das crianças mais desprotegidas da humanidade.

Tal como informado no nº14 do nosso Boletim, a Coordenadora das Associações de Antigos Alunos La Salle de Espanha e Portugal (ARLEP) elegeu o "Projecto Baká" como o projeto concretizador de ideais de solidariedade e de humanismo

inter-regional a ser apoiado em 2022. O orçamento total do projecto tinha uma previsão de 11.011 euros.



Centro Educativo Baka

Esta iniciativa foi reconduzida em 2023 pela Coordenadoras, pelo facto de não se ter alcançado o objetivo proposto .

Os Baká (Pigmeus) são uma etnia africana localiza em zonas da floresta virgem e hoje pertencem aos Camarões, à Guiné Equatorial e ao Gabão e têm sido vítimas de varias formas de opressão pelos respetivos governos.

Os Irmãos de La Salle dos Camarões levam 40 anos trabalhando na sua educação. Mas os jovens Baká raramente continuam nas escolas primárias nacionais e muito menos no ensino secundário. Nenhum Baká ingressou nas Universidades.

Os Irmãos lassalistas fundaram pequenos centros de uma ou duas salas em cada um deles ao longo dos trilhos florestais que atravessam as regiões onde vivem. A eles acorrem meninos e meninas. Há já 13 escolas ao longo de 250 km, que albergam 720 alunos e 24 professores.

Os Irmãos aplicam o método de ensino que designam de ORA – Observação, Reflexão, Actuação.

A AAA LaSALLE de Portugal associou-se a esta iniciativa ibérica e convidou os seus associados a colaborarem e a apoiarem financeiramente a iniciativa.

Houve uma mobilização da parte dos nossos associados individualmente e tal atitude permitiu que a nossa AAA tivesse contribuído para este projeto Baká com uma transferência de 550,00€, para além de contributos individuais de alguns dos nossos associados, encaminhados diretamente à Coordenadora. A Coordenadora agradeceu a generosidade , sublinhando que a nossa Associação foi a mais generosa nos contributos recebidos.

Ainda assim o total das angariações obtidas pela Coordenadora está apenas a cerca de metade do proposto e necessário. Razão pela qual a Direção da associação solicita aos seus associados um pequeno esforço mais até final do corrente ano

O nosso compromisso incidu, especialmente, na compra de carteiras escolares. A previsão de necessidades destas carteiras apontava para uma quantidade de 150. A verba já angariada de 550 dará para comprar 14 peças, ao preço de 40 euros/unidade.

Continuaremos com o mesmo compromisso, com uma metodologia

concreta: oferta de 40 euros/carteira, ou 20 euros/meia carteira.

NIB da Associação:
PT50: 0018 2122 0338 0447 0209 5

A Direção compromete-se a informar os AA acerca dos montantes alcançados e que serão remetidos para o Projecto Baká, via ARLEP.

Encontro Oficinas de S. José

Crónica de António Costa

Realizou-se o jantar de confraternização dos alunos La Sallistas da Oficina de São José do Porto, com a presença dos antigos irmãos: Carlos Borrego, Avelino Garrido, bem como José Carlos, Presidente da Associação de Antigos Alunos La Sallistas.

Chegámos cedo, eu, o Francisco, “o motorista”, o Moura, “o carpinteiro”. Chegar cedo tem as suas vantagens. À medida que alguém se aproxima os olhos perscrutam sinais, traços, feições gravadas na memória. E o jogo da redescoberta inicia-se para contornar a erosão do tempo, que por mais que queira, não consegue iludir as impressões pristinas, gravadas na alma de quem vivenciou a experiência La Sallista.

E a inevitável pergunta surge entre a surpresa e a alegria do reencontro volvidas décadas e décadas “Tu és....?” “E tu és...?” A emoção domina e o tempo recua até à infância para alguns, um pouco mais tarde para outros, e memórias são partilhadas com a alegria de quem soube viver e aprender em tempos difíceis, sob a sábia orientação dos Irmãos La Salle.

Pouco a pouco vão chegando mais antigos alunos.



Presentes: Arnaldo Barros, Carlos Borrego, J. Carlos Ferreira, Lurdes, Rosa e Avelino Barrido, Mendes, Claudio, Antonio Costa, Moura e ...

O gelo quebra-se com o reconhecimento facial ou vocal e a sala de receção, há pouco tão silenciosa e vazia, enche-se com o eco das vozes vindas do passado a ganhar vida e expressão no presente.

Passámos ao andar de cima, a sala de jantar. Sentados à mesa, reconfortámos o corpo com as iguarias, porque a alma, essa, ganhava vida com a companhia.

Com tantas coisas para dizer, tantas estórias para contar, as vozes elevavam-se e... já não eram vozes, mas uma só voz, a encher a sala.... E as memórias da sala de refeições do colégio, com o ruído característico de tempos idos tornaram-se tão presentes! E o jantar prolongou-se tanto quanto as memórias...

JUNTOS PARA SONHAR...

MAIS DE MEIA CENTENA DE ANTIGOS ALUNOS MARCARAM PRESENÇA



No passado sábado, dia 20 de maio, a Associação dos Antigos Alunos de La Salle congregou mais uma vez, com elevada dedicação, empenho e alegria, um grupo superior a meia centena de antigos alunos no colégio La Salle de Barcelos. A Associação, nomeadamente o seu presidente, José Carlos Ferreira, está de parabéns, porque organizou, convidou, recebeu todos com imenso carinho, com muito entusiasmo.

Depois de uma receção calorosa, entre abraços, sorrisos, todos foram convidados a participar na Eucaristia que se realizou na capela do colégio. O antigo capelão, padre Belo, esteve muito bem, deixando sábios conselhos aos ouvintes, concretamente realçando o valor e a importância do silêncio na vida tão agitada. Os cânticos escolhidos para abrilhantar a celebração, verdadeiros ecos de alma, espelharam a magia do encontro. Primeiro, reforçando a unidade: “Juntos como Irmãos”. Segundo, identificando o amor como o motor, o caminho a seguir: “Ao amor que te arrasta, não perguntes, onde vais? Onde vais? Irei contigo”. Terceiro, agradecendo pelo dom da vida: “Ó Senhor, te damos graças”. Quarto, fortalecendo os laços de amizade: “Juntos” para quê? “para sonhar”. Tudo sobre a proteção de “São João Batista de La Salle que escutou o apelo do Senhor”,

com a esperança que “ilumine a nossa vida”. Nossa Senhora, tão querida no mundo lassalista, certamente corou com a canção que o Luís Martins lhe dedicou. Um momento alto!

É espantoso verificar que até o tempo, uma manhã agradável, solarenga, ajudou os antigos alunos a viajar, alguns de muito longe, entusiasmando-os e orientando-os, mais uma vez, até ao querido colégio La Salle para matar saudades, para rever os velhos amigos, para confraternizar, para manter viva a chama lassalista. A foto de grupo traduz bem essa energia positiva.



Antes da foto do grupo, ainda houve uma breve visita à exposição feita pelos atuais alunos, onde a Diretora Pedagógica do colégio La Salle, Carla Figueiredo, aproveitou o momento para informar os presentes que o número de alunos está a crescer e reforçou a importância da presença de uma equipa coesa que trabalha todos os dias para a concretização de uma série de projetos pedagógicos muito válidos que continuam a inculcar os valores lassalistas nos novos alunos.

A Assembleia realizou-se na sala de audiovisuais, orientada pelo Carlos Borrego, presidente da Assembleia. Lida a ata da reunião anterior, tudo foi aprovado por unanimidade, tanto os planos de atividade como os relatórios de contas. Ainda houve um espacinho para lembrar o Ir. Salvador, professor de alguns dos antigos alunos, que há poucos dias deixou esta vida e se encontra no reino dos justos.



A Feijoada transmontana, juntamente com os filetes de pescada e umas entradas foi regada com a excelente “pomada” que os participantes trouxeram das suas terras. Escusado será dizer que nesse capítulo ultrapassou todas as expectativas, assim como as sobremesas. Uma grande variedade e qualidade. Que saborosas! Um jantar farto, onde houve fundamentalmente partilha não só dos alimentos, mas também da vida.

Na parte da tarde, os organizadores convidaram o antigo diretor da Biblioteca Municipal de Barcelos, Vítor Pinho, para apresentar um livro: “A Tatuagem, encontro de essências”, da autoria de um antigo aluno, David Macedo. A cerimónia iniciou-se com uma interpretação do Carlos, músico, professor, compositor, com originais de inspiração celta e os grandes temas do cancionero celta.

Por fim, O José Leite, vestiu as vestes de feiticeiro-mor, ateou o fogo à água-ardente e enquanto mexia e remexia e a elevava em chama até ao azul celeste e a deixava depois cair sobre a

terra, o Albino Ramalho obrigava todos os presentes a segui-lo na leitura do esconjuro. expulsadas as energias más, os maus agouros, os antigos alunos, como os antigos celtas, beberam a “poção mágica” e, fortalecidos e feitas as despedidas, cada um seguiu o seu caminho.

Um dia magnífico, cheio de encanto, de magia, de alegria, de partilha... Bem-haja à Associação e à sua Direção. Um agradecimento muito especial ao presidente José Carlos, que no final se mostrou satisfeito “porque tudo correu bem, como tínhamos planeado” deixando no ar um desejo “que para o próximo encontro apareçam muitos mais, nomeadamente os que frequentaram o colégio a partir de 1982. Precisamos de “sangue novo” disse.

O Gilmar.



Encontro de AA Alunos La Salle de Abrantes - 27-05-2023

Crónica de Reportagem de José Manuel Miranda Barata



Meus estimados amigos Lassalistas:

Mais um encontro lassalista realizado no passado dia 27 de Maio do ano 2023, com uma participação cada vez mais consistente de mais de cem AA, e com a alegria do costume, que nos é própria.

A primeira parte do nosso encontro decorreu no antigo Colégio La Salle, actual escola Secundária Dr. Manuel Fernandes.

A Associação de AA muito agradece a cedência dos espaços.

O encontro deste ano teve um sabor especial para mim, pois consegui levar as minhas filhas ao Colégio onde seu Pai estudou. Tentei passar-lhes a ideia de como se estudava naquela época e a forma como tudo em geral funcionava. Foi motivo de grande satisfação para mim e tive orgulho em partilhar esse momento com a minha família.

Como sempre a realização da eucaristia decorreu com solenidade e com compenetração, e foi celebrada pelo Padre Frei António José, da Ordem Dominicana, com a forma própria e peculiar de conduzir a missa.

Teve palavras que nos deram força, ânimo e alegria. Como sempre, o Irmão Joaquim acompanhou a liturgia com a habitual intervenção muito acertiva.



Depois da Santa Missa seguiu-se **uma sessão de saudações**, de apresentações e de memórias, dirigida pelo coordenador da Comissão Executiva do Encontro, Carlos Borrego:

Foram chamados ao palco o Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Abrantes, Eng João Gomes, o Presidente da Direcção da

AAA La Salle, José Carlos, o Presidente do Conselho Fiscal da Associação, Eng Carlos Mineiro Aires, os elementos da equipa organizativa e os alunos fundadores do Colégio. Foi entregue uma lembrança especial à Dra Isabel Santos, Directora da Escola Secundária, e ao Senhor Vice-Presidente da C M A. Nas suas palavras o autarca pôs em relevo a história do Colégio La Salle como uma marca importante para a cidade e para concelho de Abrantes. Todos foram brindados com um ramo de flores, a cargo de Eugénio Marques..

Na saudação a todos presentes o entusiasmo e alegria contagiavam-nos : Os do Pego (os pegachos), os de Tramagal, os do Rossio, de Alferrarede, do Fundão, da Covilhã, de Minde e de Mira D´Daire, de Évora e de Vila Viçosa, os oriundos dos actuais PALOP, os de Lisboa. E também os rapazes do futebol, da Tuna e dos Tunos. O Irmão Cesário (Ir Florentino), o Zé Espinha.

Na evocação dos falecidos lembrou-se a memória dos homens-bons de Abrantes que lançaram e patrocinarão o Colégio. E foram recordadas e caracterizadas outras figuras: o Irmão Luciano, o primeiro Director do do Colégio, o estratega, o empreendedor, o nome maior da história dos Irmãos lassalistas em Portugal. O Irmão Fernando, o 2º Director; o sábio, o construtor dos Campos de futebol e da piscina de 33 metros de comprimento. O Irmão Antonino, 3º Director, o homem culto, o organista. O Irmão Artur, o competentíssimo professor de Físico-química e de Matemática, a par de empreendedor da actividade pecuária (todos se lembravam muito bem, com risos e simpatias...). O Irmão De La Fuente, a modernidade, o intelectual, o filósofo. O Irmão Ramiro, o , texto e fotos, não poderá exdr professor dos laboratórios, o treinador de futebol (ameaçava com a direita e caía com a esquerda, muitos se lembram, como o Gil Manana contou mais tarde). O Irmão Leandro, o homem mais bondoso do mundo, o avô do Colégio, com o seu” regaliz” para “los que fueren buenos”. Os Irmãos Lourenço e Pedro, os acolhedores de alunos e famílias na secretaria. O Irmão Paulo, o homem

lúcido, a inteligência. O Irmão Feliciano, o professor e treinador da equipa júnior de futebol. De entre os alunos falecidos foi destacado o “campeoníssimo” Xana e o António Bruges, o viola/baixo dos Tunos.

Neste Boletim fazemos memória e uma vénia muito afectiva ao Irmão Xavier, professor, Sub-Director e Prefeito dos alunos maiores. Foi uma figura generosa, empreendedora, que mais tarde abraçou a vida sacerdotal, mas que continuou com a fidelidade amiga para muitos de nós, em caso especial para o David Duque (crónica do Boletim anterior). Faleceu em Madrid.

“Todos eles pisaram connosco o mesmo chão deste Colégio, tal como fazemos hoje”.

Foi celebrado um minuto de silêncio.

De seguida o Eng. Carlos Mineiro Aires, como Presidente do Conselho Fiscal, apresentou as contas anuais e os resultados financeiros da Associação. As contas certas arrancaram um grande aplauso geral.

Seguiram-se, depois, intervenções de várias personalidades locais, incluindo os Fundadores do Colégio, alunos e antigos Irmãos. Destaco as palavras do nosso amigo de sempre, Carlos Borrego. Desde já agradeço a lembrança de nos fazer passar a recordar os momentos que tivemos e vivemos dentro deste Colégio.

Acabou esta primeira parte com a breve apresentação do livro “**Dinizlância**”, da autoria do nosso colega José Tavares. Ofereceu um exemplar a Carlos Borrego, lembrando que ele tinha sido seu professor de Português, o qual se sentiu honrado e exclamou : “feliz do mestre quando um discípulo o supera”. Parabéns, José Tavares.

O nosso amigo José Carlos Ferreira tem feito uma direcção excelente. Tudo tem contribuído para a realização dos nossos convívios anuais. Está de parabéns.



Não quero deixar de passar em branco o excelente trabalho da logística, da organização do nosso site, e dos locais onde decorreram as nossas reuniões gastronómicas. Desde já agradeço ao Fernando Costa Ramos, ao Eugénio Marques, ao Egídio Bernardes, ao Américo Francisco ao Rodolfo Miguez. Muitos parabéns a todos. Um bem-haja.

Como tem vindo sendo costume, depois das homílias e discursos, passamos para a fotografia anual da Família La Sallista. Todos procuram ficar bem na foto. Assim ficou mais um registo da nossa concentração dentro das instalações do Antigo Colégio.

Após fotografia de família tivemos uma cerimónia simbólica e comemorativa da inauguração da Praceta S. João de La Salle, onde foi colocada uma coroa de flores pelo Vice-Presidente da C M A e pelo Presidente da AAAlaSalle.

Já no Restaurante:

De seguida seguimos em cortejo para Alferrarede ao restaurante “Sabores da Cascata” onde se realizou este ano o nosso almoço:

Local muito agradável com uma sala que deu para colocar cerca de cento e tal pessoas, com umas entradas maravilhosas a acompanhar

um branco fresco muito bem escolhido para o evento. Agradeço mais uma vez ao Fernando Costa Ramos a excelente escolha. Acho que todos ficamos bem servidos e toda a refeição estava deliciosa e decorreu com muita simpatia dos empregados e sempre com a nossa alegria contagiante.





Mais tarde tivemos a mágica **“Queimada Galega”** efetuada com o Irmão Rebeiras e por mim próprio. Como de costume, foi o fecho do nosso convívio anual em que todos estavam animados e felizes por mais um ano decorrido.

Via telefónica com o Irmão João

Após e durante a queimada estivemos a ouvir o nosso querido Ir. João, via telefónica, que nos enviou umas palavras cheias de amor e de ternura. Mais um que não tivemos o privilégio de o ter entre nós. Mas a palavra mágica e sábia encheu-nos de alegria.



Acredito que para o ano haverá mais uma reunião e como sempre com a mesma animação de sempre. Um bem-haja a esta Família Incrível.

Viva o La Salle - Somos lassalistas

Com um enorme abraço me despeço. Com novo abraço, com um forte abraço deste aluno Lassalista dos anos 72 a 74.

José Manuel Miranda Barata.



ARNALDO DA ROCHA BARROS

ANTIGO ALUNO DAS OFICINAS DE S. JOSÉ - PORTO

Albino Ramalho



Arnaldo da Rocha Barros, natural Modelos, Paços de Ferreira, vive na freguesia de Sobreira, concelho de Paredes, onde, como empresário e mais tarde como Presidente da Junta desenvolveu importantes e importantes melhoramentos na comunidade e onde continua a dar alma e pujança a uma obra de solidariedade social, a APDIS (Associação para o Desenvolvimento Integral da Sobreira). Quarto filho de uma família de 12 irmãos, dos 12-18 anos aluno das Oficinas de S. José, no Porto, ao tempo dirigidas pelos Irmãos de La Salle. Apesar de aposentado, continua activo e a dedicar-se ao que mais prazer lhe dá na vida: ajudar a quem precisa, seu lema de vida.

Agradecemos a forma afável como nos recebeu para esta entrevista na instituição, à qual continua a dar alma e vigor, a APDIS, testemunhando a sua preocupação em favor dos mais vulneráveis e necessitados da sociedade.

“Filho único com mais onze irmãos”

Começemos por recordar seus tempos de infância e adolescência. São as vivências destes períodos de vida que nos marcam para sempre. Quais as memórias desses tempos que mais lhe vêm ao pensamento?

Como éramos uma família grande, 12 irmãos - **começou por nos confiar**- as necessidades eram muitas e era preciso trabalhar para que pudesse haver o necessário para o dia-a-dia da casa. Dos 12 irmãos, fui o único nascido na freguesia de Modelos, concelho de Paços de Ferreira, e lá permaneci o primeiro ano de vida. Os meus pais voltaram então à freguesia de Sobreira onde já tinham nascido a minha irmã mais velha e dois irmãos. Os outros oito irmãos nasceram todos nesta mesma freguesia. Como disse antes, dos 12 irmãos, eu o quarto, fui o único a nascer na freguesia natal dos meus pais. Por isso costumo dizer que sou “filho único” com mais 11 irmãos.

“de dia, aprendiz de marceneiro; à noite, a escola técnica”

Quando acabei o último ano do ensino obrigatório (4.^a classe, nesse tempo), era preciso ajudar a família, fui trabalhar para a lavoura, o destino da generalidade dos meninos das aldeias. Mas a agricultura não permitia horizontes de futuro. E como fui sempre muito inconformado e ambicioso, gostava de ver e aprender, sonhava com um futuro melhor que o que tínhamos na aldeia. Para isso sonhava com sair de lá para ir estudar. Um dia, pedi ao meu pai que queria ir estudar para o Porto. Mas como éramos muitos e não havia posses para pagar os estudos, o meu pai disse: «Olha, se quiseres, vais comigo para as Oficinas de S. José (onde trabalhava e era encarregado das obras), vais para a marcenaria e aprendes com o senhor Neves e o senhor Almeida». E assim aconteceu. Entrei para as Oficinas como interno e lá permaneci dos 12 aos 18 anos. Durante o dia trabalhava como aprendiz na oficina de marcenaria e à noite frequentava a escola técnica, para os lados do Monte Covelo. Recordo-me bem, não

havia dinheiro para transportes, íamos e vínhamos dependurados nas traseiras do eléctrico, às escondidas da polícia...

Pelas suas palavras deduzo os motivos que o levaram como interno às Oficinas de S. José, uma instituição de acolhimento e formação de jovens.

Sim, tal como já referi, foram motivos sobretudo de carácter económico, devido a sermos uma família numerosa e à necessidade de aprender uma profissão para, o mais cedo possível, ajudar a família e contribuir ao meu próprio sustento. Animava-me também a ambição e a vontade de estudar, de aprender, e poder vir a ter uma vida mais satisfatória e feliz. Sou por natureza uma pessoa inconformada, na altura já o era, não posso estar parado, ainda hoje, na situação de “reserva”, continuo a “fazer de relações públicas”: se há um cliente que precisa de mim, vou lá, e sempre que posso, visito-os para os ajudar. Foram 40 anos a trabalhar com clientes, e a paixão pelo trabalho e lidar com pessoas continua bem vivo cá dentro. Não morre.

“Não esquecerei o bem que me fizeram”

Qual o ambiente que encontrou, entre colegas, Irmãos, formadores?

Havia entre todos uma relação amigável. Éramos uma família e como tal nos sentíamos e sabia que, a partir dali, o meu futuro ia ser melhor. Nas oficinas passei os melhores anos da minha vida. Nunca mais esquecerei o bem que me fizeram.

Uma instituição de acolhimento e formação de jovens para os preparar para a vida. Referindo-se a este segundo aspecto, que cursos ou profissões eram objecto de aprendizagem? Qual a que aprendeu?

Nas Oficinas de S. José, decorre do próprio nome oficinas, ministravam-se várias profissões e executavam-se trabalhos e encomendas de acordo com a natureza das obras: carpintaria, marcenaria, tipografia, encadernação. Como já referi, eu fui para a oficina de marcenaria, onde aprendi a arte, de modo que, quando saí, já sabia fazer móveis. Aliás, entrei para esta arte, talvez por influências da minha freguesia natal, Modelos, Paços de Ferreira, cidade que orgulhosamente

ostenta o título de “Capital do Móvel”. Quando aos 18 anos saí das oficinas, foi a esta freguesia que regressei para trabalhar como marceneiro, já dominando os segredos da arte dos móveis.

Mas não ficou por aí na sua ambição de prosseguir na aquisição de mais conhecimento e melhorar a sua formação.

É verdade. Depois de sair das Oficinas, não me contentando com o que já tinha aprendido, fui para o Cerco do Porto tirar o curso de formação profissional de serralheiro mecânico ajustador. Entretanto, chegada a idade da tropa, como tantos jovens portugueses, fui mobilizado para Angola, não para a guerra, mas para trabalhar por conta do Estado, graças às capacidades técnicas e profissionais adquiridas durante o meu percurso de oficinas e de estudo e demonstradas pelos trabalhos que realizava.

“Os melhores anos da minha vida e onde aprendi a ser homem.”

Que avaliação faz das aprendizagens feitas na instituição?

As oficinas estavam dotadas de mestres e monitores de grande experiência e qualidade. Sábios, atentos e amáveis com os aprendizes, claros e precisos na forma como nos ensinavam, vigiavam e nos corrigiam. Guardo as melhores recordações de todos, excelentes na forma de nos acompanhar e ensinar. Recordo os senhores Moura, Neves, Almeida, e outros de que não consigo lembrar os nomes. Para mim foi importante a aprendizagem de marceneiro, que me permitiu, quando aos 18 anos saí das Oficinas, trabalhar e começar a governar a minha vida.

As oficinas aceitavam e contratavam encomendas para entidades públicas e privadas da comunidade e do País. Lembra-se de algumas dessas obras realizadas nas Oficinas pelos profissionais e aprendizes?

Os trabalhos para entidades externas executados nas oficinas da casa contribuíam para a sustentação da instituição. Recordo nelas se executarem encomendas de carpintaria e marcenaria, de que o meu pai era encarregado, na Câmara de Santo Tirso, na Pousada S. Gonçalo, do Marão, no Tribunal de S. João da Pesqueira e em prédios na Avenida

Fernão de Magalhães. Também na tipografia e encadernação se trabalhava activamente e não faltavam obras que lhes eram encomendadas.

Além da formação profissional, outros aspectos terão marcado a sua vida numa instituição dirigida pelos Irmãos de La Salle. Quais para si os que mais o impressionaram?

Como já referi, nas Oficinas passei os melhores anos da minha vida e foi ali onde aprendi a ser homem. Lembro-me dos Irmãos com os quais me relacionei: o Irmão prefeito (não recordo o nome), por quem tínhamos muito respeito; o Irmão Carlos Gallego, na carpintaria, sempre atento e bem disposto; o Irmão Manuel Árias, na tipografia; os Irmãos Joaquim, Teodoro, Cesário. De todos guardo uma feliz lembrança por tudo o que deles recebi. As suas orientações me ensinaram a ser na vida uma pessoa recta, séria e honesta e incapaz de ver alguém que precise e eu não o ajudar. Muitas vezes até com prejuízo pessoal, mas contente por ter contribuído para que a pessoa que me pede ajuda ou que eu vejo que dela necessita, possa ficar mais feliz. Aprendi isso nas Oficinas com os Irmãos, e tenho bem presente na minha vida. Não tenho dúvidas de que é uma marca do espírito de La Salle: olhar por quem precisa, de modo desprendido, desinteressado. Eu próprio fui beneficiário dessa marca lassalista: enquanto estive nas Oficinas, nunca paguei nada. Pelo contrário, até me permitiam ganhar dinheiro. Aos domingos à tarde, ia para o Estádio das Antas alugar almofadas para as bancadas do futebol.

Referindo-se aos muitos amigos feitos durante aos anos das Oficinas, recorda, entre os colegas, dois grandes amigos com os que ainda hoje se encontra frequentemente: o Fernando Teixeira e o Mário Augusto. Ressalta ainda os nomes do senhor Ferreira, o Quim, empregado do parque de estacionamento, a D. Rosa, costureira, como pessoas afáveis e atenciosas.

Não esquece ainda as portas que lhe foram abertas devido aos bons contactos com a Congregação dos Irmãos.

Conseguí levar os utentes e cuidadores da APDIS – **recorda com visível satisfação-**

para períodos de descanso e lazer para o La Salle de Barcelinhos e para colónia de Férias de Vila do Conde Destaca a confiança e à-vontade manifestada pelo Irmão Joaquim, que lhe confiava as chaves do Colégio para podermos sair e entrar livremente e estarmos à vontade.

Preocupação social e comunitária: praticar o bem sem olhar a quem.



Vê-se que a APDIS – Associação Para o Desenvolvimento Integral da Sobreira- qual menina dos seus olhos, está no centro das suas atenções. Fale-nos desse projecto. Sempre gostei de fazer bem a quem precisasse. Não sou capaz de ver alguém que precise de ajuda e negar-me a ajudá-lo. E dessa vontade de olhar à minha volta com vontade de ver as pessoas felizes, sobretudo as que mais necessitam, pensei, em conjunto com amigos e outras pessoas com a mesma sensibilidade social, em criar uma instituição cujo objectivo primordial de contribuir para uma melhoria da qualidade de vida, do conforto e bem-estar dos seus utentes, através da promoção da sua autonomia. E assim nasceu a APDIS, hoje uma IPSS com valências de creche, centro de dia para idosos e apoio domiciliário. Actualmente, estamos em vias de início de obras, já com terrenos e projecto aprovado, estamos em vias de início da construção de instalações para uma ERPI (Estrutura Residencial para Idosos) e CACI (Centro de Acolhimento de Crianças e Adultos com Deficiência). A estas valências dedico boa parte dos meus dias de que sou principal responsável desde a fundação da Associação, naturalmente com a prestimosa ajuda de vários colaboradores, de modo especial da directora técnica, Dra. Diana Costa e sua assessora, Dra. Catarina. Além destas actividades, como instituição, participamos

noutras acções de solidariedade na comunidade, como a construção e reparação de casas para pessoas carenciadas que, desse modo vieram a usufruir, de forma gratuita, de habitação condigna.

Para o efeito, organizámos diversos eventos para angariação de fundos, com grande participação e colaboração da comunidade. Num dos espectáculos realizados com esse fim, tivemos a participação de Toni Carreira, que também se prestou a colaborar connosco. Outros nomes conhecidos no país e na região

contribuíram para o êxito dos nossos eventos e assim prosseguirmos nos nossos objectivos. Também o agrupamento musical Rio Sousa Show, maioritariamente formado do por mim e meus irmãos, deu um importante contributo como dinamizador, organizador e interveniente nessas acções.

Convidado a deixar uma mensagem aos antigos colegas das Oficinas e aos antigos alunos de La Salle, Arnaldo Barros a todos envia um grande abraço e dirige um apelo: ponham em prática o que aprendemos no La Salle, sobretudo, fazer o bem, sem olhar a quem.



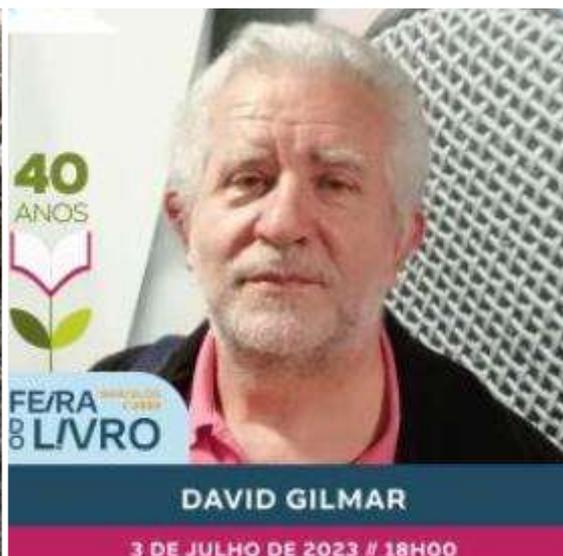
PROFESSOR – EDUCADOR – MEDIADOR “IRMÃO NA DIÁSPORA” E, AGORA, GILMAR

Nasceu em São Romão da Ucha, no lugar da Torre em 1957, concretamente em fevereiro. No dia 19 nascia um loirinho de olhos azuis registado na paróquia, pelo saudoso padre Hélio, como David Gilmar Mendes de Macedo. Aquariano para que se saiba. No entanto, para evitar a multa, no Cartório consta que ele nasceu no dia 25 de fevereiro com o nome de David Mendes de Macedo. Gilmar teve uma curta existência, no entanto, sempre esteve

presente, sempre fez parte do ser. 66 anos depois, Gilmar resolveu emergir energicamente, criador, sonhador, contador de histórias. No dia 3 de junho apresentou-se aos barcelenses como o criador do romance “Tatuagem - Encontro de Essências”, uma narrativa onde dois seres, depois de muitos anos separados, veem as suas essências unirem-se em plenitude.



A minha primeira fotografia



O ressurgir do Gilmar



Encontro de essências David Macedo

DAVID MACEDO – Quem é o Gilmar?

GILMAR – Estou muito contente por me teres dado o palco agora que estás velho, e acabaste o teu percurso como professor. Sempre me reconheceste em ti e sabes que foi o padrinho David, que estava no Brasil, quem desejou perpetuar um tal Gilmar, jogador de futebol, colega do famoso Pelé. Sabes perfeitamente que ele quando regressou a Portugal gostava de te colocar na baliza e sempre te chamou de Gilmar. Depois, mais tarde, quando entraste para o Colégio Missionário La Salle, no ano de 1968, tanto tu como eu fomos esquecidos, porque nascia o Mendes. O Mendes representou-nos os cinco anos que estivemos em Barcelos. Nome esquisito. Mas



lembro-me que te afeiçoaste de tal forma a ele, que depois achavas esquisito ouvir o nome de David. Só depois de conheceres a origem do teu nome é

que o aceitaste e te deste a conhecer ao mundo como David Macedo.

DAVID MACEDO – Curioso três faces do mesmo eu e todos diferentes.

GILMAR – O ortónimo és tu; eu e o Mendes podemos ser os teus heterónimos, porque tivemos nascimentos diferentes e temperamentos diferentes. Sabes perfeitamente que tanto tu como o Mendes nunca me esqueceste, porque eu era o vosso confidente, a vossa energia, a vossa criatividade, a parte recôndita do iceberg onde acumuláveis tudo.

DAVID MACEDO – Mas afinal quem era esse tal Mendes...

GILMAR – O Mendes era um ser pacífico que sofreu muito, quando teve de deixar a sua família, os seus pais e os quatro irmãos em 68. Nos primeiros dias chorou, no entanto, com a ajuda do seu “anjo”, o rigoroso Miranda, acabou por se ambientar. Chegou quinze dias atrasado ao colégio e sentiu-se na obrigação de aprender depressa aquilo que os colegas tinham aprendido mais devagar. Tudo, exceto o solfejo. Ele bem olhava para a pauta, mas não via nada. Chegou a ser castigado e até perdeu um dos vales de disciplina. Valeu-lhe o Assis, que o chamou à parte e lhe disse onde estava o dó e o ré e o mi... O sol brilhou e o Mendes lá ia aprendendo. Ele jogava, mas dificilmente era escolhido para a equipa dos craques. Se o

padrinho lá estivesse... a ver se não jogava! Caladinho, trabalhador, rezava, estudava, fortalecendo a ideia de um dia ser um grande missionário. Porque o Mendes era sonhador, altruísta. Gostava de correr, de conversar, de ler. Na memória ficou-lhe o dia em que alguém o obrigou a meter a mão pelo tubo da retrete para de lá retirar um rolo de papel higiénico; e a estalada amarga, por dizer ao colega que já sabia os verbos e ficar calado quando lhe atiraram à cara o pretérito imperfeito composto do conjuntivo.

O Mendes adorava os passeios ao monte, escutava com atenção as histórias do Ir. Iglésias, apreciava a visita dos pais e dos irmãos, adorava ir para a quinta trabalhar, jardinar, lavar o carro preto com o Chico. Ir, aos domingos, a Barcelinhos e catequisar e olhar as raparigas bonitas e atrevidas. O Mendes foi feliz enquanto aspirante.

DAVID MACEDO – E depois veio Abrantes, Bujedo e Salamanca...

GILMAR – Sabes perfeitamente que o Mendes, esse menino humilde, em Abrantes... Uhu! Que choque! Gente rica, extrovertida, mundana, depois o Grândola Vila Morena, e uma piscina e campos de ténis e cine fórum e bons passeios e bailes... O Mendes escondeu-se e tu reapareceste mais maduro, com vontade de experimentar outras realidades de forma livre. Mesmo sentindo na pele a discriminação, conseguiste ser reconhecido, não tanto pelos resultados académicos, mas, concretamente, pelo desporto, no atletismo. Corrias e tinhas resistência. Quando representaste o colégio nos Nacionais, os colegas passaram a olhar-te de outra forma.

Ai, aquela linda atleta de Tomar que se sentou ao teu lado no autocarro! Ainda por cima foi ela que te elegeu entre todos os demais atletas. Não percebias a razão da saída dos Irmãos portugueses e foi para ti um retrocesso quando voltaste a Barcelos e te viste como numa prisão. Nasceu a revolta e a rebeldia. Nasceu o MLL (Movimento de Libertação Lassalista) e tu fugias pela noite e ias ao cinema. E um dos dias mais negro foi quando te expulsaram, porque tinhas apanhado uma tremenda bebedeira, meia garrafa de brandy, que horror!

Mesmo assim, depois de dois anos, concluído o secundário, foste resgatado pelo Ir. Manuel que te

levou a Bujedo onde fizeste o Noviciado e posteriormente, o Escolasticado em Salamanca. Que martírio. Foste casmurro. Eu bem te avisei que não era esse o futuro, mas tu insististe. Tu tinhas perdido a vocação.

Sofreste enclausurado e, quando recebeste a notícia da morte do teu querido irmão, oito dias antes de realizares os teus primeiros votos, foi o fim. Mesmo assim aceitaste a festa. E ainda foste para Salamanca. Lá experimentaste o rigor do trabalho académico, o rigor do trabalho no campo, a vida que te puxava para o matrimónio e então deste o salto e desististe da ideia de seres Irmão de La Salle.

DAVID MACEDO – Mas a aventura lassalista não ficou por aí..

GILMAR – 35 anos a lecionar no Colégio La Salle! Uma vida. Estudo do Meio, Português, Religião e Moral e, por fim, Filosofia e Psicologia. Os dois, tu e eu, fomos criativos, adorávamos os alunos, realizamos o primeiro acampamento, introduzimos o teatro, a recitação, momentos de leitura na sala de aula; criamos festas de Natal, de Carnaval, de fim de ano; depois, nascia a revista, a rádio escolar, as visitas de estudo, a leitura eficaz, o Pei... Tantas coisas boas! O Ir. Martinho soube escolher bem. Casaste com Rosa Maria Fernandes da Costa, também ela professora; tens duas belíssimas filhas. Quando o Contrato de Associação foi retirado pelo Estado, resolveste sair porque não te revias no novo modelo de escola privada. Sentimo-nos totalmente realizados e sempre nos comportamos como um *Irmão na diáspora*.

DAVID MACEDO – Para acabar meu amigo, fale-me dos teus projetos

GILMAR – Já que me deste esta possibilidade de existir, de me tornar uma personagem pública, quero continuar a ser o teu lado criativo e, no tempo que nos restar, ambos iremos, certamente, fazer um belíssimo trabalho, quer no campo cultural, quer no social, quer no familiar. Agora que entramos na terceira idade, temos todo o tempo do mundo para criar, para ajudar, para, tranquilamente, observar, refletir, comunicar... Posso contar contigo?

DAVID MACEDO – Claro que podes! Juntos... o infinito é o limite!

Luís Gonçalves (A. aluno Colégio de S. Caetano, Braga)

Albino Ramalho



De seu nome Luís Miguel Oliveira Gonçalves, 45 anos, aluno no Colégio de S. Caetano, em Braga (1985 a 2002). Licenciado em Marketing e Publicidade. Vive em Gondomar, onde, com outro sócio, dá vida a uma empresa de reabilitação de edifícios com métodos de acesso por cordas. Pai de uma menina, a “luz dos seus olhos”, como carinhosamente a nomeia, e por quem diariamente envida todos os esforços por um futuro tranquilo.

Luís, desde já muito grato por testemunhar para o Boletim dos Antigos Alunos a sua experiência e memórias como antigo aluno do Colégio S. Caetano, dirigido, ao tempo, pelos Irmãos de La Salle. Os anos aí passados integram as vivências e memórias da sua infância e adolescência e juventude, que certamente o marcaram para a vida. Quer referir-se aos factos ou experiências que desse tempo ainda povoam o seu pensamento?

“Acampamento e colónia de férias, momentos de maior convívio e diversão”.

A resposta veio rápida. Lembro-me muito bem dos bons momentos vividos no Colégio de S. Caetano, mas o acampamento em Terras de Bouro e a colónia de férias em Castelo do Neiva foram os que mais me marcaram, talvez porque foram os de maior convívio e diversão. **E de grandes aprendizagens, também? Pois, na verdade, aprendemos nestes acampamentos a desenrascarmo-nos com pouca coisa e de qualquer objeto ou local fazíamos meio de e oportunidade para diversão.**

Como o Colégio de S. Caetano era uma instituição de acolhimento e formação de crianças e jovens, pretendemos saber os motivos que o levaram até esse colégio. Tal como a muitas outras crianças naqueles tempos, os problemas financeiros foram o que me levaram à instituição, começou por explicar, existia ainda a falta de acompanhamento na escola o que levou a Segurança Social a indicar a entrada no colégio. Os primeiros tempos para mim não foram fáceis, mas como entrou comigo outro irmão meu, a sua companhia ajudou muito a ultrapassar as dificuldades de adaptação a um meio que me era estranho.

“Se sou alguém é muito devido a Irmãos, educadores, colegas”.

E sobre o ambiente ali encontrado entre colegas, Irmãos e formadores diz-nos que ali encontrei Irmãos e monitores que recorde até hoje e por quem tenho o maior carinho e admiração. Se sou alguém também é muito devido a eles e a todo o esforço e dedicação. A paciência, o carinho e os ensinamentos de cada um deles sem exceção.

Falamos de acolhimento e de formação. Referindo-se a este segundo aspecto, que cursos ou profissões eram objeto de aprendizagem neste Colégio? Qual a que aí aprendeu? Para o nosso entrevistado, o Colégio tinha muitas formações profissionais na época, desde carpinteiro e marceneiro, jardinagem entre muitos outros. Eu optei por continuar os estudos sendo dos poucos do meu tempo que terminou o curso superior. Mas aprendi muita coisa que hoje em dia me dá muito jeito na gestão e execução dos trabalhos de reabilitação. Como sou de aprendizagem fácil e bom com as mãos, sempre aprendi muita coisa, trabalhos com cimento, trabalhos de canalização, de carpintaria e de eletricista, todo este tipo de coisas aprendi com os Irmãos, Henrique, David, César, Iglésias, Alberto, José Maria, Paco, Óscar, o Joaquim e o Javier entre outros.

“Instalação de chafarizes, obra deixada no jardim do Colégio”

Sobre as actividades do dia-a-dia no colégio e de algo que lá tenha deixado que perdure a sua memória do colégio, diz-nos que Existem no Colégio ainda hoje muitos trabalhos que foram realizados por nós. Outros já não, devido às alterações e vendas efetuadas. Eramos nós que ajudávamos a cultivar o campo, apanhar fruta e cuidar das vacas, dos porcos, dos coelhos e das



abelhas, todos eles para nosso usufruto e proveito. Mas o que ainda está completamente operacional é a instalação dos chafarizes existentes no jardim interior junto da entrada. Foram feitos por mim, pelo Ricardo, pelo Tony, pelo Paulo Gandarela e, claro, com o grande mentor, o Irmão Javier, de quem temos muitas saudades e de que hoje, precisamente, se comemora o dia da sua partida (28/06/2019) para um local melhor de onde continua a olhar por todos nós.

Além da formação profissional, outros aspectos terão marcado a sua vida numa instituição dirigida pelos Irmãos de La Salle. Quais terão sido para si os que mais o impressionaram e lhe foram mais úteis para a vida? Sempre claro e directo, responde.

Tal como já referi, aprendi tudo o que sei com os Irmãos de La Salle. Sempre fui lutador e quis um futuro melhor e diferente daquele que os meus pais me poderiam oferecer, mas ainda fui reticente. Enquanto elemento do grupo dos pequenos (havia três grupos: pequenos - os da primária-, médios - ciclo preparatório - e maiores - do liceu ou secundário -, fugi do colégio três vezes e de todas elas voltei pelo meu pé, porque tinha frio e fome. Então, meti na minha cabeça que iria aproveitar cada oportunidade que me fosse concedida no colégio e na vida para poder ser melhor e ter uma vida mais tranquila e com futuro.

Instado a referir-se àqueles, dentre Irmãos, mestres, companheiros, cuja amizade e ensinamentos positivamente mais o influenciaram, Luís Gonçalves repete com saudade e apreço todos os Irmãos do Colégio (Henrique, David, César, Iglésias, Alberto, José Maria, Paco, Óscar, o Joaquim e o Javier) e evoca monitores e auxiliares que foram muito importantes e que nunca esquecerei tudo o que me ensinaram e tudo o que passaram comigo: a menina Madalena, a Idalina, a Belmira e a Luzia, o Manuel Macedo, o Fernando e o Batista, a Benilde como

governanta e muita amiga. De todos eles aprendi muito e de cada um levo um pouquinho no coração e muita gratidão.

Sublinha, contudo, os Irmãos Joaquim e Javier como os que nos anos finais da sua estada no colégio, mais determinantes foram na sua formação. É claro que nos últimos anos, os anos do meu maior desenvolvimento e criação dos meus princípios e responsabilidades, o Irmão Joaquim e o Irmão Javier foram elementos muito importantes. Com eles comecei a trabalhar, a desenvolver as minhas capacidades e objetivos bem como a trilhar o futuro que mantenho hoje. O Irmão Javier era uma figura paternal para todos nós e para mim foi e continua a ser uma grande referência de vida, apesar da sua partida...

Solicitado a pronunciar-se sobre questões ainda não abordadas e que deseje comentar, foi com desencanto e desalento que se referiu a actual orientação do Colégio, da responsabilidade, não dos Irmãos, mas da Arquidiocese de Braga. Eis o seu comentário.

O Colégio hoje em dia não tem nada a ver com o tempo em que aqui vivi. Existem muitas regras sem nexos e está tudo dividido sem que o mais importante esteja presente que é o espírito La Salle e o gosto por ensinar. Acredito que o Colégio é visto como uma empresa e não como a instituição para a qual foi criada. Como é que é possível- interroga-se - existirem gestores do que quer que seja, se não fazem ideia de como o fazer? É assim que eu vejo e sinto quando lá vou, e é por essa mesma razão que deixei de lá ir, de ajudar e estar presente em momentos importantes. Já não vejo a instituição como sempre a vi, nem o objetivo é o mesmo.

“Ser positivo, das coisas que mais aprendi e levo na vida”.

O desejo do reencontro com os antigos colegas.

A concluir, uma mensagem especialmente dirigida aos antigos alunos de S. Caetano e a todos os antigos alunos de La Salle de Portugal.

Acredito que a vida sempre traz a cada um aquilo em que acreditamos e lutamos por conseguir. Ser positivo foi das coisas que mais aprendi e levo na vida, porque somente coisas positivas atraem coisas positivas. Aos meus colegas e antigos alunos sempre desejei que pelo menos uma vez ao ano poderíamos voltar a estar juntos e relembrar os momentos e ensinamentos. Foi por isso que criámos as associações de antigos alunos de La Salle e do Colégio de S. Caetano em Braga. Espero que sempre que possam estejam presentes nestes eventos e contribuam para que nestes encontros continue a existir o espírito de La Salle e o desejo de ajudar o próximo esteja sempre presente.

Grande abraço e um muito obrigado a todos aqueles que referi e não referi, mas, de alguma maneira contribuíram para o meu crescimento e

desenvolvimento e que, entre eles estão sempre os meus colegas, amigos e companheiros desta linda instituição.



Empresa "Alpi".

Destaques e actualidades

Por Carlos Borrego

Rui Nabeiro- O empresário solidário e amigo dos trabalhadores



Fundou a empresa Delta Cafés com a sua esposa e filhos em 1961.

E liderou o mercado dos cafés.

Foi Presidente da Câmara de Campo Maior, em vários mandatos, antes e depois do 25 de Abril.

Pela sua obra empresarial e social recebeu diversas condecorações. O Presidente Mário Soares atribuiu-lhe o grau de comendador da Ordem Civil do Mérito Agrícola, Industrial e Comercial, e

Jorge Sampaio distinguiu-o como comendador da Ordem Infante D. Henrique.

Foi cônsul regional honorário de Espanha.

O destaque especial vai para a sua personalidade de fino sentido humanista:

Os seus colaboradores não eram números, eram pessoas. Nos casos especiais passava pela casa deles e ouvia e resolvia. E essa faceta de relação pessoal simples e natural granjearam-lhe a estima geral e, porventura, também o sucesso empresarial.

Faleceu no dia 19 de Março deste ano de 2023, aos 91 anos

É à sua esposa e filhos e restante família, aos sobrinhos, tão amigos do Colégio La Salle de Abrantes, endereçamos os nossos pêsames e comungamos a tristeza da separação.

-Milan Kundera -“A Insustentável Leveza do Ser”. Morreu aos 94 anos (11 de Julho-2023)

Um dos maiores escritores da segunda metade do século XX – Iluminou a nossa existência humana, a sua razão de ser e as nossas consciências íntimas e as do mundo universal. Posicionou-se com a revolta sofrida da subjugação da Europa de Leste pela União Soviética, ou e as pesadas sombras da Guerra Fria.

Nasceu em 1929, na Checoslováquia. Foi-lhe retirada a nacionalidade checa em 1979, aquando da invasão soviética que depôs Alexander Dubček da “Primavera de Praga”. Já no dia 5 de Dezembro de 2019, 40 anos depois, num gesto simbólico de elementar justiça foi-lhe devolvida a nacionalidade pelo governo da República Checa. No livro que a marcou as gerações da sua época, “A Insustentável Leveza do Ser” (1983), afirma que a aceitação da teoria do eterno retorno “passaria a erguer-se como um bloco perdurável cuja estupidez não teria remissão”.

A humanidade não suportaria esse peso. Ao contrário disso, só poderá erguer-se a leveza do esquecimento perante a fugacidade dos factos. E assim não será repetível a guilhotina de Robespierre. De outra maneira os franceses passariam a olhar para a sua revolução como pesadelo, pois ciclicamente as suas cabeças rolariam para o chão. E os pesadelos da inquisição e outras tragédias humanas serão lançadas no saco do esquecimento. “As nuvens alaranjadas do poente iluminam todo o encanto da nostalgia e do efémero, mesmo a guilhotina”.



Milan Kundera.

-Documento Fraternidade Humana e o VII Congresso de Líderes de Religiões Mundiais e Tradicionais são motivo de esperança



Papa Francisco, Ahmed Tayeb, assinaram documento em Abu Dhabi 2019



VII Congresso de Líderes de Religiões. Mundiais e Tradicionais

No Cazaquistão, a 15 de Setembro de 2022 encerrou-se o VII congresso Internacional dos Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais.

Procedeu-se no fim de três dias de Congresso à leitura da Declaração Final.

Recorde-se que o documento base para os trabalhos deste Congresso, “A Fraternidade Humana” tinha sido concebido pelo Papa Francisco e por Ahmed Tayeb, assinado em Abu Dhabi, nos Emiratos Árabes Unidos, em Fevereiro de 2019. O Congresso reuniu mais de cem líderes mundiais. Contou com a presença destacada do Papa Francisco

No Documento Final os líderes declaram que o evento representa “esforços conjuntos para reforçar o diálogo civil em nome da paz e da cooperação”.

Sobre os conflitos militares, os participantes do Congresso acreditam que são actos que podem gerar tensões e reacções em cadeia, destruindo o sistema de relações internacionais. Além disso, “o extremismo, o radicalismo, o terrorismo e todas as

outras formas de violência e guerra, seja qual for seu fim, não têm nada a ver com a verdadeira religião e devem ser rejeitados nos termos mais fortes possíveis".

Declaram ainda que o pluralismo e as diferenças de religião, assim como de raça, gênero e linguagem "são uma expressão da sabedoria da vontade de Deus, com a qual Ele criou o homem", razão pela qual qualquer acto de coerção "para com uma determinada religião ou doutrina religiosa é inaceitável".

-Ida do Papa Francisco à República D. do Congo e ao Sudão do Sul



No dia 31 de Janeiro deste ano o Papa Francisco O Papa iniciou hoje a sua quinta visita apostólica a África, para cumprir a promessa de visitar a República Democrática do Congo (RDC) e o Sudão do Sul. A razão desta viagem foi explicada pelo Papa:

"Estas terras são provadas por longos conflitos: a República Democrática do Congo sofre, especialmente no Leste do país, pelos conflitos armados e pela exploração; enquanto o Sudão do Sul, dilacerado por anos de guerra, não vê a hora que acabem as contínuas violências que obrigam tantas pessoas a viver deslocadas e em condições de grande sofrimento".

Nestes dois países os católicos representam perto de 50 por cento da população.

À chegada a Kinshasa foi recebido pelas autoridades congolenses e por uma multidão imensa.

"Tirem as mãos da República Democrática do Congo! Tirem as mãos de África!",

Foram estes os apelos do Papa Francisco no primeiro dia da sua visita a este país africano. O líder máximo da Igreja Católica criticou o "colonialismo económico"

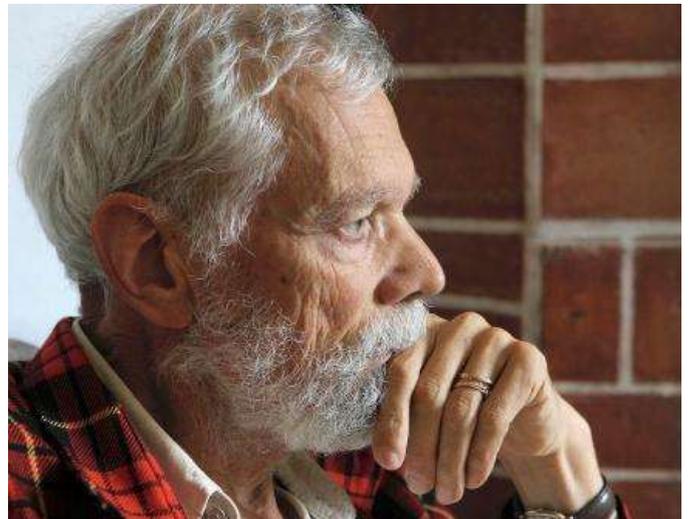
perante as autoridades e o corpo diplomático, no palácio presidencial em Kinshasa.

E encontrou-se com vítimas do conflito da parte oriental do Congo e com refugiados oriundos do vizinho Sudão do Sul.

Permaneceu na R DC Durante 5 dias.

Já no mais recente país da África, no Sudão do Sul, o Papa Francisco apelou ao desenvolvimento do processo de paz, indicando a tolerância e o perdão como plataforma negocial.

-António Matoso- A essência do "ora et labora" de S. Bento: no trabalho, na elevação espiritual, na sabedoria, na discrição, no silêncio.



O narrador da nossa história medieval, o homem sábio e o pensador da "identificação de um país", morreu no passado 8 de julho. Foi professor, Director da Torre do Tombo e o primeiro Prémio Camões.

E foi monge beneditino durante 17 anos. A regra "ora et labora" de S. Bento ficou-lhe gravada para sempre. E o conseqüente silêncio e discrição foram o seu habitat..

Escreveu: "A vida, na sua festiva generosidade, oferece-nos momentos de iluminação. O sábio cristão sabe esperar. Não tem pressa. Para ele não há absolutos. Tudo é relativo: um sorriso pode ser tão importante como a fundação de uma dinastia. Acredita no valor e eficácia dos símbolos. Não pronuncia sentenças nem faz discursos. O seu espaço é o silêncio".

-António Gutérres reconhecido como promotor do conhecimento dos valores culturais e históricos de uma Europa unida, justa, igualitária e livre- Prémio Carlos V

Guterres recebeu prémio Carlos V em Yuste (província de Cáceres, Espanha) no mosteiro para onde se retirara Carlos V após a morte da esposa Isabel de Portugal. O prémio foi entregue pelo rei Filipe VI e contou com a presença de altas individualidades europeias e com o Presidente da República de Portugal e 1º ministro António Costa.

Na sua 16ª edição, o júri decidiu atribuir a honraria ao líder na ONU pelo seu “comprovado, extenso e duradouro percurso de vida” dedicado ao compromisso social, ao processo de integração europeia, à promoção do multilateralismo e à dignidade humana, abordando desafios e crises globais.

“Paz ilusória e frágil.

O chefe das Nações Unidas afirma que a paz é “ilusória e frágil”, e que a violência está crescendo em várias regiões do mundo. Ele mencionou que regiões inteiras como o Oriente Médio e o Sahel estão sendo arrasadas por conflitos prolongados que parecem “não ter fim à vista”.Ao mencionar o conflito no Sudão, o chefe da ONU que a situação está se deteriorando “dramaticamente” da noite para o dia.

“Agir pelo planeta é agir pela paz”.- Em vez de balas o mundo precisa de arsenais diplomáticos

O líder da ONU disse que a crise climática exacerba tensões e desencadeia conflitos. Portanto, “agir pelo planeta é agir pela paz”.

Episódio no falecimento da “rainha mais bela”, a exclamação de Francisco de Bórgia: nunca poderei amar uma beleza que não seja eterna.



Retrato de Isabel de Portugal

Carlos V, rei de Espanha e Imperador do Sacro Império, casara com a filha de D. Manuel I de Portugal, Isabel de Portugal (desse casamento e do filho de ambos ficava legitimada a pretensão do futuro Filipe II em anexar Portugal ao reino de Espanha). Após 14 anos de casamento, “**a mais bela de entre todas as rainhas**”, veio falecer em 1539, em Toledo. Perturbado com o acontecimento, Carlos V retirou-se para o convento de Yuste, vestiu-se de luto preto e aí permaneceu o resto da sua vida, entregando o reino ao seu filho Filipe II e o Sacro Sacro Império Germânico ao seu irmão Fernando. Não sendo capaz de assistir ao funeral, encarregou a Francisco de Bórgia (parente dos Bórgias e do Papa Alexandre VI, de má memória,) a missão de acompanhar o féretro e de abrir o caixão para identificar a falecida. Ao ver o cadáver, ele que nutria pela Imperatriz um certo amor platónico, exclamou: “**nunca mais poderei amar uma beleza q não seja eterna**”. Retirou-se para a vida de Jesuíta e foi S. Francisco de Bórgia.

Falecimento do Irmão Salvador Alonso.

Introduziu nos Irmão de La Salle uma nova frescura mental e conceptual.

Foi Director do Escolasticado e Provincial de Espanha e Portugal

Por Carlos Borrego, seu discípulo

Faleceu no passado 15 de Maio, dia do fundador S. João Baptista de La Salle, no Convento de Bujedo (da comarca de Miranda de Ebro), casa-mãe da Congregação em Espanha, aos 97 anos.



Aqueles que frequentámos o último ciclo da carreira de formação de Irmãos de La Salle (Escolasticado) não podemos esquecer a introdução de grande frescura anímica e conceptual que o Irmão Salvador Alonso levou à casa de formação de Bujedo. Decorria já a década de 60 do século

passado. As suas conferências reforçavam os horizontes da vocação lassalista. Mas trespassavam também para horizontes mais alargados, para outras formas de compromissos e de geografias. Desde Santa Teresa de Ávila, da qual nos transmitia a sua espiritualidade, a sua envolvimento e a sua a sua veia poética e literária até às aspirações de um Carlos Foucauld no meio dos tuaregues argelinos e a sua vivência desprendida, acolhedora, amiga e partilhada com todos quantos se aproximassem. Era uma novo modelo de vida e de comprometimento.

A par disso, a sua relação connosco era aberta, de responsabilidade, mas alegre. Assim, também não esquecemos as chocolatadas no alto dos montes circundantes, financiadas pela venda de bolota que apanhávamos nas colinas bujedanas. Uma festa em cada semana.



Este prestígio levaram-no, mais tarde, ao cargo de Provincial de Espanha e Portugal. Como professor do Colégio La Salle de Abrantes tive a satisfação enorme de o acompanhar nas visitas regulamentares ao Colégio e à Comunidade de Irmãos.

E há um episódio marcante para mim. Num dos passeios semanais atrevi-me a escolar o Conjunto de três penhascos conhecidos como “Las Três Marías”. Já quase no topo, um dos apoios de um pé cedeu. Não fora a pronta mão firme de um colega, não sei bem o que me estava reservado. Consegui descer. Já cá em baixo o Irmão Salvador ralhou comigo e, ao seu jeito, disse-me: **“Mira, português. Que te quiero llevar vivo a Portugal, no muerto”. E proibiu-me de novas aventuras. Inesquecível.**

Nas idas a Bujedo destes últimos anos, e já com idade avançada, ainda o vi servir a casa lassalista como porteiro do convento. E as memórias contadas nos nossos reencontros pessoais eram recíprocas. **Obrigado, Irmão Salvador. Um abraço.**

APRECIÇÕES DA NOSSA REVISTA

Do Senhor Arcebispo, Primaz das Espanhas, Dom José Cordeiro



Caro Carlos Borrego
Pax!

Agradeço profundamente o envio do Boletim dos antigos alunos La Salle. A presença dos Irmãos e do carisma Lassalista na nossa Arquidiocese, especialmente em Barcelos e em Braga, é uma graça inestimável ao serviço do Bem Comum e da dignidade inalienável da Pessoa Humana à luz do Evangelho. O Senhor confirme em vós a autenticidade e a fiabilidade do Dom recebido e sejam peregrinos da Esperança.

«*Não nos devemos limitar a esperar. Devemos organizar a esperança*» (D. Tonino Bello).

Caminhemos juntos nos processos sinodais da Igreja sinodal samaritana.

Cordialmente muito grato em Cristo Jesus
+ José Cordeiro

D. José Cordeiro

Arcebispo Primaz

Rua de S. Domingos, 94 B, 4710-435

Braga - Portugal

Tel 253 203 180 Fax 253 203 190

jose.cordeiro@arquidiocese-braga.pt

www.arquidiocese-braga.pt



Do Irmão Olavo José Dalvit-Provincial do Brasil/Chile e Centros da Beira-Moçambique



18 de Fevereiro de 2023

Estimado Carlos!

Muito obrigado por compartilhar vosso boletim. Vamos tornar conhecido entre os lassalistas do Brasil.

Parabéns pela vossa disponibilidade em ajudar os mais necessitados da África, e por continuarem a viver os princípios do carisma cristão e lassalista. Abraço fraterno e nossa saudação a cada um dos integrantes de vossa associação.

Ir. Olavo José Dalvit

Provincial

Telefone: (51) 3358.3776 /

999719712

www.lasalle.edu.br

DOURO CIDADE EUROPEIA DO VINHO 2023

Texto de Valentim Ribeiro de Almeida



Douro, um excesso da natureza

S. Leonardo de Galafura, 8 de Abril de 1977

«O Douro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza. Socalcos que são passados de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor pintou ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis de visão. Um universo virginal,...

Um poema geológico. A beleza absoluto».
Miguel Torga in "Diário XII"

Nota prévia: Vinhos do Douro vs Vinhos do Porto.

Douro é 1 das 12 regiões vitivinícolas de Portugal Continental. É a primeira em produção de vinho: cerca de 1700 000 hl /ano correspondente a 21% da produção nacional. Produz todos os 5 tipos de vinhos: tintos, brancos, rosés, espumantes e licorosos. Porto é um vinho licoroso reconhecido em todo o mundo e representa cerca de 50% do vinho do Douro. Sendo mais valorizado, a sua produção é controlada pela atribuição anual de cartões do benefício. A casa do Douro atribui o benefício tendo em conta o terroir em que está inserida cada propriedade (altitude, clima, solo, etc). De entre os outros vinhos destaca-se o “barca velha”, símbolo da mais alta qualidade dos vinhos do Douro.

Rio de vinho generoso e fino e de trabalho e sangue, que desagua nas capitais do mundo.

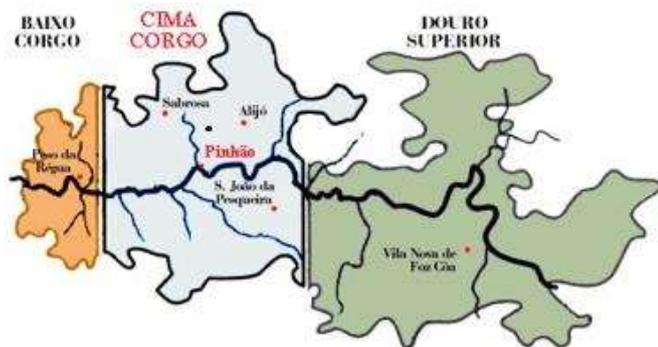
O Douro é um rio de vinho que tem a foz em Liverpool e em Londres e em Nova-York e no Rio e em Buenos Aires: quando chega ao mar vai nos navios, cria seus lodos em garrafeiras velhas, desemboca nos clubes e nos bars.

Joaquim Namorado, in 'Antologia Poética'

O Reconhecimento do Douro

Foi a 15 de junho de 2022, em Bruxelas, que o Douro foi distinguido como "Cidade Europeia do Vinho 2023" tendo como epicentro o Peso da Régua. A anterior distinção (2020), recaiu em Miranda de Duero, epicentro da Região Vitivinícola de “Ribera de Duero”. Trata-se dum concurso anual

lançado pela Rede Europeia das Cidades do Vinho (RECEVIN) cujo objetivo é a promoção turística e a divulgação das regiões europeias produtoras de vinho e as suas cidades e envolve 11 países. Em 2021 e 2022 não houve nomeações devido à pandemia.



O lema do Douro Cidade Europeia do Vinho 2023 é "All Around Wine, All Around Douro". O Douro Património da Humanidade (2001) será assim, uma referência europeia no vinho, na vinha, na cultura e um exemplo de interação harmoniosa do Homem com a Natureza.

A Gala de apresentação do Douro Cidade Europeia do Vinho ocorreu no dia 4 de fevereiro, no centro Multiusos de Lamego. Para além dos aspetos logísticos que assim foram garantidos é de salientar que foi nesta região que começou a desenhar-se o futuro do vinho do Douro, com os cistercienses a colocarem todo o seu saber em prol do desenvolvimento vitivinícola da região.

A influência dos Mosteiros de Cister na vitivinicultura do Douro



MOSTEIRO DE SALZEDAS

A presença de Cister no Vale do Varosa começou no século XII quando o então ainda conde Afonso Henriques concedeu, em 1140, carta de couto à primeira comunidade cisterciense da região e do país.



MOSTEIRO DE S. JOÃO DE TAROUCA

Com efeito o mundo dos mosteiros, em que Cister assume um lugar de relevo, é indissociável da cultura da vinha e da produção do vinho. Pretendia-se também que a escolha do lugar para erguer um mosteiro tivesse próximo um curso de água para abastecer o consumo da mesma e garantir o recurso piscícola. Deveria ainda possuir solo fértil para cultura de cereais e frutos requeridos para sustento do corpo e do espírito. A vinha era implantada em solos mais pobres e afastados dos mosteiros.

O vale do Varosa cumpria estes requisitos, e foi próximo das suas margens que em 1144 surgiu o Mosteiro de S. João de Tarouca e em 1156 o vizinho Mosteiro de Santa Maria de Salzedas. Da mesma época temos o Mosteiro de S. Pedro das Águias no vale do Távora. Também no vale do Távora, em 1692, é fundado o último mosteiro cisterciense em Portugal: Mosteiro de Tabosa. Cada mosteiro tinha o seu couto, constituído pelas propriedades circundantes do mesmo e resultantes de doação régia. No couto os trabalhos agrícolas competiam predominantemente aos monges. Depois vinham as “granjas”, propriedades de grandes dimensões resultantes de doações ou compras, cultivados sobretudo pelos “conversos” (pessoas pobres que se acolhiam ao cuidado dos mosteiros oferecendo a mão de obra). Estas estendiam-se até ao Douro e ainda abrangiam parcelas da margem norte do rio. Por fim vinham as “terras aforadas” cultivadas pelos “familiares”,

peças que doavam as terras ao mosteiro e depois se acolhiam à sua proteção disponibilizando-se para as tarefas que lhes fossem solicitadas. As terras menos férteis eram arrendadas, promovendo-se assim o seu arroteamento. Os mosteiros guardavam o direito da produção dessas terras. As encostas com o recurso ao sistema de socalcos eram preferidas para vinha. Tínhamos ainda as terras resultantes de escambos.

O projeto “Vale do Varosa” assenta numa rede de valiosos imóveis, situados nos conselhos de Tarouca e Lamego. Para além dos mosteiros referidos, também se incluem no projeto a ponte e torre de Ucanha, o convento franciscano de Ferreirim, fundado em 1525 e a capela românica do Balsemão, exemplar único dessa época.

O trajeto de Lamego para Moimenta incluía a passagem pela ponte romana sobre o Varosa e travessia do couro do mosteiro de Salzedas. Em 1324 D. Dinis pretendeu conceder o privilégio da passagem pela ponte aos habitantes da região, mas a vontade dos monges prevaleceu, implementando portagem na sua travessia. Mais tarde, em 1465, o Abade de Salzedas mandou construir uma torre com arco de baixa altura. A tradição refere que assim se garantia melhor controle da portagem, incluindo transeuntes a cavalo que teriam de apear-se.

Hoje a influência dos mosteiros continua a ser reconhecida e em 2011 foi criada a mais recente região vitivinícola de Portugal com nome de Terras de Cister ou Távora-Varosa. Fica enquadrada entre as regiões vitivinícolas do Dão e do Douro. A Comissão desta região, tem sede em Dálvares (Tarouca). Nesta região produzem-se vinhos com indicação geográfica protegida, IGP “Terras de Cister” e vinhos espumantes com denominação de origem controlada, DOC Távora - Varosa (murganheira e raposeira).

Hoje o concelho de Lamego e os outros que confinam com o rio Douro na margem sul, têm o seu território repartido pelas regiões de Cister e do Douro.

Recentemente, no passado dia 30 de março, foi inaugurado o “Caminho dos Monges”, um projeto intermunicipal envolvendo Lamego e Tarouca com recurso a fundos comunitários. O percurso, de 41 km, vai do Mosteiro de Tarouca aos Varandins do Varosa, pelos vales deste rio, envolvendo 27 pontos de património edificado. Tratasse do percurso por onde teriam progredido os monges na direção do Douro.

Os primeiros vinhos do Porto e o “vinho de pé”

Uma versão simplista sobre a origem do vinho do Porto refere que os exportadores ingleses acrescentavam aguardente ao vinho para evitar que se deteriorasse no transporte para Inglaterra. No destino diluía-se com água de modo a repor o grau alcoólico inicial, mas veio a comprovar-se que a bebida sem diluição era muito mais



PISA

apreciada. O fato é que a vitivinicultura foi evoluindo desde a região de Lamego e até ao sec. XVII foram os cistercienses a impulsionar essa evolução. Eles tinham intercâmbio com os mosteiros da Borgonha, berço de S. Bernardo fundador de Cister e de onde vieram os 8 primeiros monges de S. João de Tarouca. Refira-se também que o pai de D. Afonso Henriques nasceu na Borgonha. Os monges sabiam que por toda a Europa começava a prevalecer o gosto pelos vinhos tintos. Terá sido o “vinho de pé” de Lamego que começou a aguçar o apetite dos ingleses. Eles preferiam vinhos com muita cor, mas também alcoólicos e doces.

A pisa a pé é uma imagem de marca dos vinhos do Douro e continua a ter notáveis vantagens: Nos vinhos fortificados, a fermentação, tal como a maceração são interrompidas e a pisa a pé permite extrair mais rapidamente a cor das películas. Por outro lado, a prensagem mecânica, ao contrário da pisa a pé, tende a romper as grainhas transmitindo ao vinho aromas e sabores amargos, o que não acontece com a pisa a pé.

Entretanto desde início deste século foram aparecendo diversos robots que pretendem substituir a pisa a pé, procurando manter as suas vantagens.

Os primeiros vinhos do Porto seriam obtidos de modo natural: nos anos muito quentes obtinham-se uvas sobremaduras de que resultavam vinhos que poderiam ultrapassar 15% de álcool. Nessas condições as leveduras ficavam desativadas antes de concluir a fermentação, restando ainda açúcar sem fermentar. Esses vinhos eram exportados para Inglaterra e a moda dos vinhos doces e com muito álcool pegou. Com o Tratado de Methuen (1703), as taxas aduaneiras ficaram mais acessíveis impulsionando as exportações. Entretanto como os anos de muito calor na região de Lamego, de onde provinham muitos vinhos, não eram frequentes, surgiu a necessidade de acrescentar algum álcool ao vinho (cerca de 25 L de aguardente/pipa). Porém o vinho do Porto ainda estava por inventar: seriam precisos 110 L/pipa para interromper

precocemente a fermentação obtendo assim o estilo que hoje conhecemos. Para satisfazer todos os pedidos dos ingleses começou a recorrer-se a meios menos ortodoxos como adição de açúcar ou arrobe e recurso a bagas de sabugueiro para aumentar a cor. Afim de combater esses abusos foi instituída Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro (CGAVAD) em 1756. No ano seguinte procedeu-se à demarcação da região do Douro (1ª do mundo). A influencia do Marques de Pombal foi determinante nestes processos.

A vitivinicultura foi propagando-se pelas encostas inclinadas do Douro e afluentes em sistema de socalcos, de modo a evitar a erosão dos solos e permitir a regularização hídrica das vertentes. A vinha adapta-se muito bem neste sistema de socalcos em detrimento das baixas de solo humoso, mais húmidas e atreitas a doenças. Atualmente recorre-se a modernas técnicas de controlo das condições de temperatura e humidade.

Estilos do vinho do Porto

Hoje produzem-se no Douro os seguintes estilos de vinho do Porto:

Branco: seco ou doce

Ruby: Vinho jovem de muita cor, que estagia em balceiros ou inox ou cimento, e envelhece em garrafa para preservar a cor bem retinta. Temos o Ruby, Ruby reserva, LBV (late bottle vintage), e o sublime Vintage. Este só em anos de produção muito favoráveis, como 2011 e 2017.

Tawny: alourado. Envelhecido em madeira. Temos: Tawny, Tawny reserva, Tawny com indicação de idade e Colheita. Este último com envelhecimento mínimo de 7 anos

A região vitivinícola do Douro distribui-se por áreas semelhantes pelas duas margens do rio. A margem norte beneficia de maior exposição solar, mas há muitas semelhanças de solo, clima e hábitos culturais entre as 2 margens sendo São João da Pesqueira, a sul, o concelho de maior produção. Tradicionalmente, no que se refere à produção de vinho, o Douro está mais relacionado com Trás-os-Montes do que com a Beira transmontana. Tal facto terá a ver também com a assimetria da rede ferroviária.

Transporte do vinho do Douro / Porto

O transporte fluvial sempre foi e continua a ser determinante. O barco rabelo, galgando rápidos e cachões, puxado à sirga por homens ou juntas de bois desde as margens, constituiu desde sempre uma das imagens de marca do vinho do Douro. O cachão da Valeira, próximo de São João da Pesqueira, constituía um limite intransponível, até à sua demolição em 1792, abrindo caminho para o Douro Superior. No entanto o

seu cruzamento continuou a ser perigoso pela velocidade da corrente, tendo o Barão de Forrester aí naufragado em 1861, na companhia da Ferreirinha, que, entretanto, teve melhor sorte. Este escocês contribuiu decisivamente para o alargamento das vinhas até ao Douro Superior e elaborou cartas desta região. Foi também combatente das fraudes na produção do vinho. Finalmente as 5 barragens do Douro nacional, construídas entre

1972 e 1985 permitiram a navegabilidade em todo o seu percurso. Presentemente a empresa de cruzeiros de Mário Ferreira tem permitido a projeção turística deste Douro património da humanidade.

Relativamente ao transporte ferroviário, refira-se que a linha do Douro foi construída para ligar o Porto ao Douro vinhateiro. Chegou à Régua em 1879 e a Barca de Alva em 1887. Vieram depois os ramais da margem norte, Corgo, Tua e Sabor, que começaram a operar no início do séc XX. ficando totalmente desativados em 2010.

Entretanto a linha de Lamego que levaria o comboio para sul até esta cidade, esteve em construção nas décadas de 1920 e 1930 prolongando-se até ao início da 2ª guerra mundial. Envolveu 2 grandes obras de engenharia como são as pontes sobre o Douro (1927) e o Varosa (1932). Também se concluiu o leito da linha e foram depositados os carris. Faltou apenas o comboio!

Relativamente ao transporte rodoviário, refira-se que os camiões cisterna terminaram por se sobrepor aos barcos e mesmo ao comboio.

Construção e manutenção numa região ímpar

Há cerca de 3 séculos tínhamos uma região montanhosa de xistos e granitos com declives muito acentuados a ladear o Douro e seus afluentes. Dispondo apenas de picaretas, enxadões, marretas...e pólvora, os homens do Douro, ajudados por transmontanos e beirões, foram transformando as ditas montanhas numa das mais extraordinárias paisagens do mundo. Para Orlando Ribeiro "trata-se da mais admirável obra humana que se pode ver em Portugal"

Tal como Ratinhos e Gaibéus nas Lezírias do Tejo, recordados por Alves Redol, também no Douro se trabalhava em condições extremas com sangue suor e lágrimas.

O mesmo escritor refere que no Douro "contra o granito só homens de granito".

Já em relação aos trabalhadores agrícolas temporários, Orlando Ribeiro refere que na cardenha em que se albergavam "dormiam num duro enxergão, cobertos pela própria manta, aos dois em cada tarimba, mas homens com homens e mulheres com mulheres, mesmo os casados."

Entretanto na retaguarda estiveram sempre os ingleses que viam aí aptidões únicas para a cultura da vinha.

Outras regiões apresentam paisagens semelhantes, como as “cotes de Rhone” a sul de Lyon (França), mas o Douro é incomparável. Esta é, entre outras, a opinião de John Major ex primeiro ministro inglês que nos anos de 1990 privilegiava a região de Foz Tua para suas férias.

Bibliografia relevante.

- 1) *A viticultura nos mosteiros cistercienses do vale do Douro português (século XII – XIII)*. J. I. de la Torre Rodriguez
- 2) *A vinha e os vinhos cistercienses em Portugal na época moderna*. A. Valério Maduro
- 3) *O Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro*. M. Teresa de Sousa Guedes
- 4) *Os melhores vinhos de Portugal. Guia Repsol (2004 – 2005)*
- 5) *Cister no vale do Douro, vários autores. Edições Afrontament*

JMJ Lisboa 2023

500 Lassalistas nas JMJ

Irmão Figueiredo

Impressões breves de um participante com jovens de La Salle:

A fé - A fraternidade universal

Os Lassalistas partiram no dia 30 de Julho para as JMJ, desde Madrid, Santiago, Valladolid e Barcelos. Eramos cerca de 250 lassalistas do Distrito de Portugal e Espanha, ARLEP. De Barcelos éramos 60, e com os de Espanha e de outros países atingimos 500 lassalistas nas Jornadas. .

Os diversos grupos participantes de ARLEP eram coordenados pelo Ir. Jorge Sierra, apoiado pelos animadores dos grupos de jovens participantes.

Ficámos alojados em Linda-a-Velha, na Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, partilhando o alojamento com outros cerca de 600 participantes de outros grupos.

Uma constante da JMJ era a experiência de peregrinar, caminhar incessantemente, para participar nas diferentes atividades previstas em locais muito precisos.

O Dia começava sempre bem cedo, para calcular o tempo de chegada às atividades pretendidas por cada Peregrino ou por pequenos grupos. No fim de cada dia o número de quilómetros percorridos a pé era enorme, fazendo esquecer, ao deitar, a dureza do chão ou algum ruído.

Cada dia foi marcante e único

Todos os dias mergulhávamo-nos na multidão de jovens, deixando-nos transformar pelas mensagens, diálogos, celebrações, caminhadas



pessoa emocionar-se. A palavra do Papa colocou-nos logo no centro da cruz...foi algo que todos partilhámos.

E começou a vigília. Um silêncio profundo penetrou no coração de cada um, um milhão e meio em silêncio. De arrepiar. Cantos, oração, danças, testemunhos e a palavra penetrante e incisiva do Papa... “Não tenhais medo”.

Mais que dormir muito, o importante era viver juntos aquela vigília e sintonizar com aquele espírito de fraternidade universal. E depois de um concerto de embalar foi acordar com o convite “levanta-te”, dispõe o teu coração para amar...

E erguer-se com os ritmos do Pe. Guilherme. A missa do envio, no dia da Transfiguração, colocou-nos a todos à volta do altar. Estavam todos

ali presentes nas preces, no ofertório, na bênção do envio, os que puderam peregrinar e os que viam desde casa. O Papa Francisco convidou a cada um a ser luminoso pelo amor concreto, a escutar profundamente a Deus e os outros a partir sem medo, porque não estamos sós. Maria de Fátima convocou-nos e acompanha-nos na construção da paz, na evangelização do mundo. Vamos juntos.

Pessoalmente era um dos mais velhos ali a peregrinar, mas valeu a pena mergulhar na multidão, caminhar, caminhar, e descobrir que sendo diferentes em tantas formas de ser, une-nos o coração, a fé, o querer encontrar-se com o outro como oportunidade de crescer como pessoa, como cristão e como Irmão de La Salle

Notícias e outras actividades programadas pela Associação La Salle.

- Participação na procissão da Festa das Cruzes.



Associação de antigos alunos La Salle na Festa das Cruzes – Barcelos 3 Maio 2023

- É propósito da Associação promover o encontro na casa mãe da congregação lassalista em Bujedo, com visita aos Irmãos de Valladolid.

- Fim de Semana lassalista com actividades lúdicas e culturais.

- Ceia de Natal a realizar com as comunidades dos Irmãos de Braga e de Barcelos.

- Cabaz de Natal a entregar a famílias carenciadas.

- Outras Actividades...

J M J - Os gestos e as mensagens poderosas de Francisco.

É neste contexto que se situam os gestos significativos e as poderosas mensagens.

Os gestos:

- Visitou o Bairro da Serafina, o mais pobre e abandonado de Lisboa.

- Recebeu, ouviu e chorou perante os abusados sexualmente por membros da Igreja.

- Falou-nos das injustiças planetárias, guerras, crises climáticas e migratórias. E da paz.

- Denunciou o uso e abuso do mundo virtual e das redes sociais, que nada acrescentam à singularidade da pessoa..

- Encontrou-se com 15 jovens ucranianos. “sinto uma grande dor pela Ucrânia.”

- Alertou a Europa para o “descarte de idosos, os muros de arame farpado, a mortandade nos mares, os berços vazios” .

- O Papa argentino interpela a Europa : “Com profundo amor pela Europa e no espírito de diálogo que distingue este continente, poderíamos perguntar: Para onde navegas, se não estás a mostrar ao mundo caminhos de paz ?...” O Mundo tem necessidade da Europa, da Europa verdadeira: do seu papel de construtora de pontes e de pacificadora do Leste Europeu, do Mediterrâneo, da África e do Médio Oriente”.

- Marca a tolerância zero para abusos sexuais.

- Criticou “as leis sofisticadas da eutanásia e do aborto”. A vida humana está em “risco, por derivas utilitaristas que a usam e descartam”.

-A voz de Jesus:” Não tenhais medo tenhais medo”. -Obrigado, queridos jovens”.

As Mensagens:

- “O único momento em que é lícito olhar uma pessoa de cima para baixo é para ajudar a levantar-se”.

- “O importante não é cair. O importante é não ficar no chão e levantar-se”.

- “Na Igreja há lugar para todos, todos, todos”. Pode ser o anúncio de um novo programa de inclusão. Poderá ser maior abertura de para estados civis, para maior protagonismos de mulheres nos ministérios da Igreja e para “todas” outras situações.

- “Na Igreja não há alfândegas” (para controlo de entradas e saídas).A Igreja não tem portas”.

- “Todos têm um nome e um rosto, não são números e podem estar sem maquilhagens . Somos amados como somos”.

- “ Ser descontente é um bom antídoto contra a presunção e o narcisismo”. Citou Fernando Pessoa : “ ...ser descontente é ser homem”, in “Mensagem “.

- “Tornemo-nos dignos das nossas raízes, de quem nos deu a vida, a fé e o amor: os nossos pais e avós”. “ E pensemos também em ser raízes de alegria para os outros”

- “Nada é grátis. Só há uma coisa grátis: o amor de Cristo” -“A querida Ucrânia”.

- “Os transexuais são filhos de Deus. Deus continua a amá-los como são”.

- “O indispensável contributo feminino na economia, porque a mulher tem uma sabedoria que não visa exclusivamente o Lucro”. Num depoimento anterior: “ uma economia que mata”.

-“Esta foi a Jornada mais bem preparada que vi. Foia mais numerosa e muito bonita”.

A JMJ : que impactos para o futuro ?

Palavras de Dom Américo Aguiar, principal organizador das jornadas e futuro cardeal: “ As mensagens de fé, de humanismo e de alegria vão enraizar-se nos milhões de jovens presentes e nos muitos milhões de seguidores televisivos”.

Esperamos nós que estas jornadas sejam ponto de partida para uma renovação da Igreja portuguesa. E uma consolidação das aspirações reformistas de Francisco.

JMJ- O PROTAGONISMO DOS JOVENS E DO PAPA FRANCISCO

ALEGRIA, FÉ CRISTÃ, MULTICULTURALIDADE

Lisboa :1-6 de Agosto de 2023 1,5 milhões – Fátima-4 de Agosto: 200 mil



Indiscritíveis momentos de alegria, de compromisso humano, de fé cristã e de multiculturalidade protagonizados por milhões de jovens e pela figura mundial de maior prestígio e credibilidade, o Papa Francisco.



A sua singularidade está na bondade e na sua propensão para a justiça social (na opinião de António Barreto). Essa propensão emana-lhe dessa bondade genética e pessoal . Mas brota sobretudo, e Francisco vinca-o muito , do testemunho de Cristo que, numa linha oposta , contrastante e até revolucionária face à cultura vigente à época, como a romana, a judia ou o tradicional direito à brutalidade por parte dos conquistadores, chamou

as crianças, os pobres, os aleijados, os samaritanos, os especuladores e ladrões arrependidos e as mulheres de comportamento duvidoso e anunciou as obras de misericórdia de vestir os nus, de dar de comer a quem tem fome, de visitar os presos e os enfermos, de enterrar os mortos, de dar pousada aos forasteiros (migrantes?, refugiados ?).